



A Secretaria Especial da Cultura do Ministério da Cidadania, por meio da Secretaria da Diversidade Cultural, reconhece o coletivo/entidade

Associação Cultural Ponto da Partida

como Ponto de Cultura a partir dos critérios estabelecidos na Lei Cultura Viva (13.018/2014).

Este certificado comprova que a iniciativa desenvolve e articula atividades culturais em sua comunidade, e contribui para o acesso, a proteção e a promoção dos direitos, da cidadania e da diversidade cultural no Brasil.



Cultura
Viva

<http://culturaviva.gov.br/gerente/62613/>

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



MAGAZINE

www.ohorizonte.com.br

Artes cênicas

BITUCA

Artista se apresenta com o grupo **Fonte de Partida** hoje no Palácio das Artes. **Página 3**



A TRIBUNA DO ESTADO/QUARTAS-FEIRAS, 17 DE MARÇO DE 2011

O TEMPO (da Tribuna) | M 3

Musical

Espectáculo "Ser Minas Tão Gerais" tem única apresentação hoje à noite no Grande Teatro do Palácio das Artes

Vozes inspiradas pela mineiridade

■ CARLOS ANDRÉ SOUZA

Na estação de trem de uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, os habitantes aguardam a chegada de um convidado de honra, que há anos não retorna ao local. A espera, seguida do voo noturno, reconduz-nos a contrarredes, ser-se de mote para o musical "Ser Minas Tão Gerais", que volta ao palco e é encenado apenas hoje no Grande Teatro do Palácio das Artes.

Interpretado por Milton Nascimento, que ali é identificado apenas pelo pseudônimo "Ele", o personagem, quando o ator Pablo Bertola, desembarca em um auge de um momento em que é reconhecido de maneira surpreendente. "Nesse momento, as pessoas questionam se ele vai chegar ou não, e paralelamente a isso elas recordam várias histórias. Uma delas, por exemplo, que, certa vez, um curió fez um túmulo no jardim dele e por isso sua voz é tão bonita", conta Pablo Bertola.

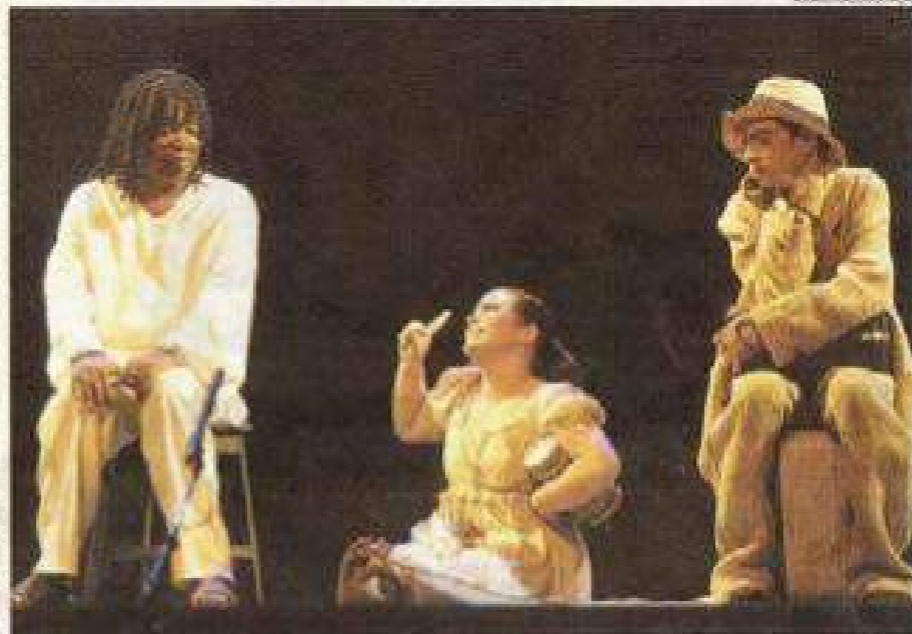
Produzido em 2002, o espetáculo atribuiu composições de autoria do próprio Milton Nascimento, com canções populares oriundas do Vale da Jequitinhonha, além de poemas de Carlos Drummond de Andrade. No palco, a combinação cênica e musical ganha corpo a partir da presença entre o grupo Fonte de

Partida, o coral Meninos do Aracaju e a banda formada por músicos como Inês de Alencar e Gilvan de Oliveira, que também assistem à direção musical.

"O que encanta todos esses artistas é a busca por uma identidade, que reflete a diversidade do nosso Estado. Tudo foi para uma história. Como o Poeta de Partida faz um trabalho de pesquisa sobre a música do Vale da Jequitinhonha, as canções do repertório de Minas, que ele dá voz nesse musical, tornam muito a relação dele com essa tradição", observa o ator que vive Ele.

Ao recordar o processo que desaguou em "Ser Minas Tão Gerais", Pablo ressalta a participação de Bertola como peça fundamental nesse processo, se no início o compositor hesitava a que o artista se apresentasse em cena no final, contando algumas de suas atrações, ao longo do caminho ele se mostrou disposto a atuar também, o que só virou em uma novidade na sua carreira.

"Como não ser um grupo de teatro, nos esforçamos para conectá-lo a fazer parte do musical como ator, interpretando diretamente na linguagem. Assim, tivemos a ideia de visitá-lo, quando ele estava em um hotel em Belo Horizonte, e apresentamos uma parte do espetáculo", diz. "Milton gostou tanto



Identidade. O espetáculo se baseia em referências da cultura popular, como no filme afro-brasileiro à esquerda de Fabrício Drummond

que voltou a ver Bertola, que emocionou e entretinha com trabalho jornalístico, acrescenta o ator.

Para Gilvan de Oliveira, diretor musical, a escolha do repertório levou a um resgate histórico, o que ele atribui a uma identidade natural. "Muitas dessas músicas são o mesmo tempo. A música de Minas é de natureza afro-mestiça, como as

composições do Vale da Jequitinhonha também são. Nas canções dele encontramos o cangaço, o murgumbé, a fofa, a moda, ritmos que nos remetem à herança africana presente na cultura popular e do interior de Minas", explica ele.

A ligação com Drummond, por sua vez, se mostra por meio das letras. "Um 'Desembarcar', de

Fernando Braze, por exemplo, perolizes uma citação direta ao poema 'No Jato do Caminho', de Drummond", diz Pablo Bertola.

Quando "Ser Minas Tão Gerais" **quando** hoje, às 21h **onde** Grande Teatro do Palácio das Artes (Av. Minas Park, 2537, centro) **quanto** ingresso gratuito

Personagens

"Ser Minas Tão Gerais" apresenta figuras emblemáticas que inspiram humor à divergência. Segundo o ator Pablo Bertola, o logo e o momento são duas referências marcantes ao musical.

ESTADO DE MINAS

HIT



FRONTE DE PARTIDA

TEATRO LEVA BARBACENA PARA O MUNDO

VIAGEM ROTEIROS DE LUZ
COLEÇÕES PAIXÃO POR OBJETOS
PERU LIMA AGORA É MODA

30 ABR 2011 R\$ 8,90



Pequeno grande milagre



FUNDADO HÁ 30 ANOS NUMA CIDADE ATÉ HOJE SEM TEATRO, O PONTO DE PARTIDA SE TORNOU REFERÊNCIA E COLOCOU BARBACENA NO MAPA DAS ARTES

POR MARIANA PEREIRO / FOTOS NETO NOUAS

De cima do grupo, Daniela Moraes, Ana Elly, Josemaria Jr, Regiane Pinheiro, João Jr, Rosalinda Pereira e Bete Cavallini



"A VIDA DO PONTO DE PARTIDA É UM MILAGRE" FUNDADORA E DIRETORA DO GRUPO DE BARBACENA, REGINA BERTOLA NÃO EXAGERA EM MOMENTO NENHUM QUANDO FAZ ESSA AFIRMATIVA. EXAGERO, SIM, É O NÚMERO DE HISTÓRIAS INCRÍVEIS QUE CERCAM OS **MEMBROS** DAS PESSOAS QUE ESTÃO ENVOVIDAS NESTE PROJETO. CHAMÁ-LO GRUPO DE TEATRO É REDUZIONISTA, HOJE, É TAMBÉM ESCOLA DE MÚSICA (BITUCA) E BRACO DO PROJETO SOCIAL SER CRIANÇA (CORO MENINOS DE ARAÇUJÁ). MAS A FORMA COMO TAIS INICIATIVAS FORAM SENDO ENCAMPADAS PELO GRUPO É QUE AS TORNA ORIGINAIS. 45 PRÓPRIAS HISTÓRIAS CONTA-MOS ISSO, MOSTRANDO QUE ACIMA DE TUDO O **CONTEÚDO ARTÍSTICO** É UM PROJETO DE VIDA.

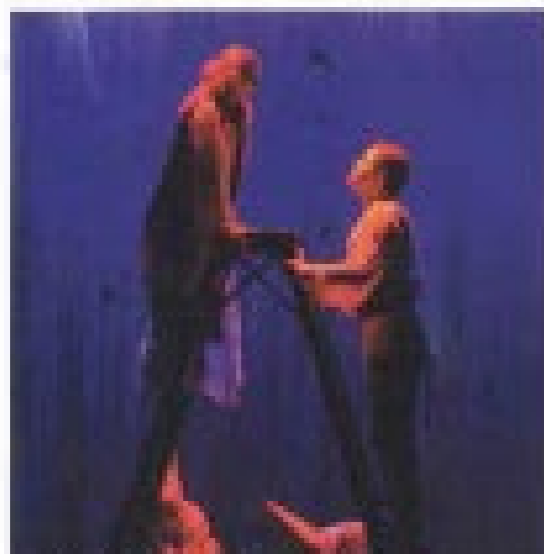
No fim dos anos 1970, Barbacena era uma cidade sem time de futebol ou banda de música. "Como vivíamos numa ditadura, qualquer 'lou' era perigoso", lembra Regina. Com Ivanir Araújo, ela tinha uma escola para crianças que utilizava a arte como instrumento de formação. A dinâmica da Vila Marquês de Barbicó teria com que os pais fossem ativos na educação dos filhos: "Pensávamos que tudo passava pela cidade, que fica entre o rio e Belo Horizonte, mas nada acontecia lá. Poderíamos passar a vida inteira reclamando ou fazer alguma coisa." Decidiram pela segunda opção e formaram o ponto de partida da empreitada.

O palco, naqueles tempos, era só para assistir, lembrar que formação de público era essencial, se queriam fazer algo relevante para a cultura local. Não havia teatro (como também não existe até hoje) nem cinema, então o cenário era o auditório de uma escola estadual. Como frequentavam muito o Rio de Janeiro, as duas, mas Ivanir Bertola, marido de Regina, além de outros amigos, foram atrás de que era relevante por aquelas bandas. A primeira atração foi o grupo Loba Negra, que só ficava Noel Rosa. "Ficaram impressionados porque tocamos a escola, tinham 500 pessoas e o grupo nunca tinha tocado para tanta gente", conta Regina. Os ingressos eram vendidos de mão em mão. "Se não gostar, não precisa pagar." Pelo que se sabe, não houve devolução.

Comprometimento foi crescendo e nomes de grande porte foram também convidados. MPB 4, Moraes Moreira, Alceu Valença, Paulo Guarádio, Iba Ramalho. Era última vez show na mesma

época em que o Marquês de Barbicó apresentava seu espetáculo de fim de ano, uma versão para A Noite de Natal de Virgínia de Moraes. Ao ver a montagem, com texto da Regina e elenco formado por ela, Ivoandré, professoras e alunos, Ugo Olivetto, produtor de RH que havia levado filha a Barbacena, insistiu para que o musical participasse de um festival de teatro infantil no Teatro Marília. "Ele acabou nos convencendo e levamos mesmo: mãe, boba e todo o material." Antes da estreia, tiveram que montar a montagem para os consórcios. "Quando terminamos, eles telefonaram para casa dizendo para as mulheres mandarem os filhos porque era bom demais", conta Regina.

Resultado: casa lotada (desafio político na porta para tentar segurar o público) e o consórcio para se apresentarem no Palácio das Artes, que até então nunca havia recebido um espetáculo infantil. Desobedientemente convidados, decidiram ir em frente. "É, para isso, tinhamos que nos forçar e não sair por aí buscando de fazer teatro", comenta a diretora. Foram chamando, para oficinas, profissionais que acreditavam ser os melhores para cada área, e montando as primeiras peças. Para a formação de atos, decidiram por Sérgio Britto. Na época, ele estava em cartaz no Rio com peça ao lado de Máthia Tiberg. "O horário ia todo dia ao teatro e o Sérgio disse que não iria, pois nem sabia onde ficava Barbacena. O horário foi tanto que ele decidiu ir. Disse que, chegando, não tinhamos que apresentar uma peça. Pois o Sérgio chegou às três da manhã de uma quarta-feira e nós estávamos todos de figurino, na porta do auditório, para recebê-lo e apresentar o espetáculo."



O grupo Malhada e a cantora Regina



Dina, cantora do grupo



Sergio Brito é apenas um dos nomes que estão na história do Ponto de Partida. Outros são Fernanda Montenegro, Milton Nascimento, Adélia Prado, Alvaro Assalypop. "Quando formamos o grupo, determinamos algumas coisas. Não saíramos de Barbacena. Nosso trabalho temia tal força que romperia fronteiras. Também resolvemos que não iríamos ficar repetindo o que foi montado no Rio e em São Paulo, como uma cópia semos de quinta. Queríamos trabalhar com cultura brasileira a partir de pesquisa e criar nossa própria dramaturgia. E montamos cada espetáculo em cima do elenco que temos", explica ela.

O grupo conta atualmente com 21 integrantes, 14 deles atores. "Não se encontra no mercado aqui para o Ponto de Partida. Por que ele tem que cantar, dançar, atuar, fazer comédia, teatro dramático, iluminação, varrer chão e conviver com todos os outros como num casamento. Ou seja, tem que ser uma综合artista, que não está interessada no sucesso imediato e, sim, disposta a fazer pesquisa", conta Regina. Como o teatro musical estava esvaziando, em 2003 abrem uma Casa de Artes e Ofícios para novos integrantes. Dos 100 inscritos, nos dias de hoje cinco estão integrados ao grupo, depois de um processo que inclui três anos de formação.

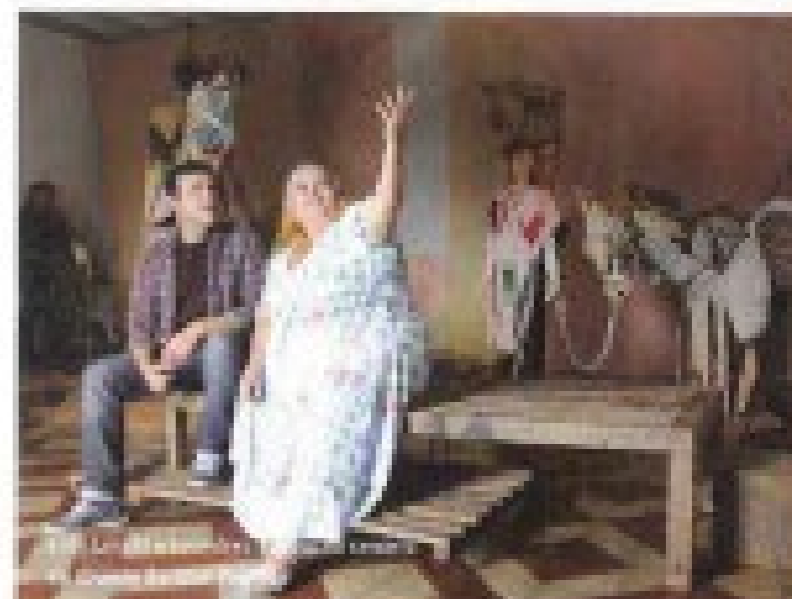
Em 30 anos, foram 30 espetáculos – oito deles criados no repertório. Para levar barbarena para o mundo, o grupo não faz restrição. Vai de Paris ao Japão, sempre buscando novos territórios. E Regina diz que não se lembra de quando um espetáculo teve mais taxa. Nesta mês, a trupe parte por uma empreitada ambiciosa. Até o fim do ano vai percorrer 13 cidades de sete estados com três montagens. Os gêneros contam a história de Cane Malhada e do Anderson Lima, Ciganos e Jovens. Os dois primeiros serão apresentados neste semestre. Projeto em parceria com a UFMG, vai até municípios como Ourilândia do Norte (Goiá) e Açailândia (Maranhão, na divisa com Tocantins). A formação de público será comprovada no segundo semestre, quando o grupo retorna às mesmas cidades com Taverias. Paralelamente, em parceria com a Natura, lança o DVD do espetáculo Au Não leva em algumas grandes cidades.

Foto: Ponto de Partida/Divulgação

O tempo escasso é uma coisa que todos os integrantes tiveram que aprender a trabalhar. Fora o trabalho com as produções, o Ponto de Partida conta com a Ituca – Universidade de Música Popular (o nome, claro, é referência ao padrinho, Milton Nascimento), que já formou três turmas. A mais nova, com 100 alunos, entrou em março. O curso profissionalizante, gratuito, tem uma média de 14 candidatos por vaga. No vestibular mais recente da UPMO, o curso de música teve pouco mais de três candidatos por vaga. Escola e grupo ocupam duas edificações históricas que ficam numa área verde nos arredores de Barbacena e que formaram o conjunto de prédios da Sericícola, primeira fábrica de seda do Brasil. Inaugurada nas primeiras décadas do século 20, funcionou até os anos 1970.

A luta para o Ponto de Partida conseguir ocupar os prédios durou quase um ano, dado os perrengues de salas justas envolvendo políticos locais e dinar me disse entre diversos setores do poder público. Fato é que as duas edificações, deterioradas quando o grupo chegou até elas, no início dos anos 2000, hoje estão totalmente recuperadas. Inche os olhos entrar ali e ver que houve preocupação em manter as características originais e que o passado pode conviver em harmonia com o presente. Na Ituca, a mais recente aquisição foi um estúdio de gravação de primeira linha. Sempre olhando para a frente, Regina Bertola mira o próximo edifício de conjunto, desocupado há pouco pelo Detran. Já criou projeto para transformá-lo na Casa Palavra, espaço destinado à literatura. Não dá para dizer de que eles vão conseguir. ■

ATÉ O FINAL DO ANO O PONTO DE PARTIDA FAZ TURNÊ POR SETE ESTADOS, LEVANDO TRÊS ESPETÁCULOS. O GRUPO VAI A 13 CIDADES NESTE SEMESTRE E RETORNA A TODAS A PARTIR DE AGOSTO, COM OUTRA MONTAGEM



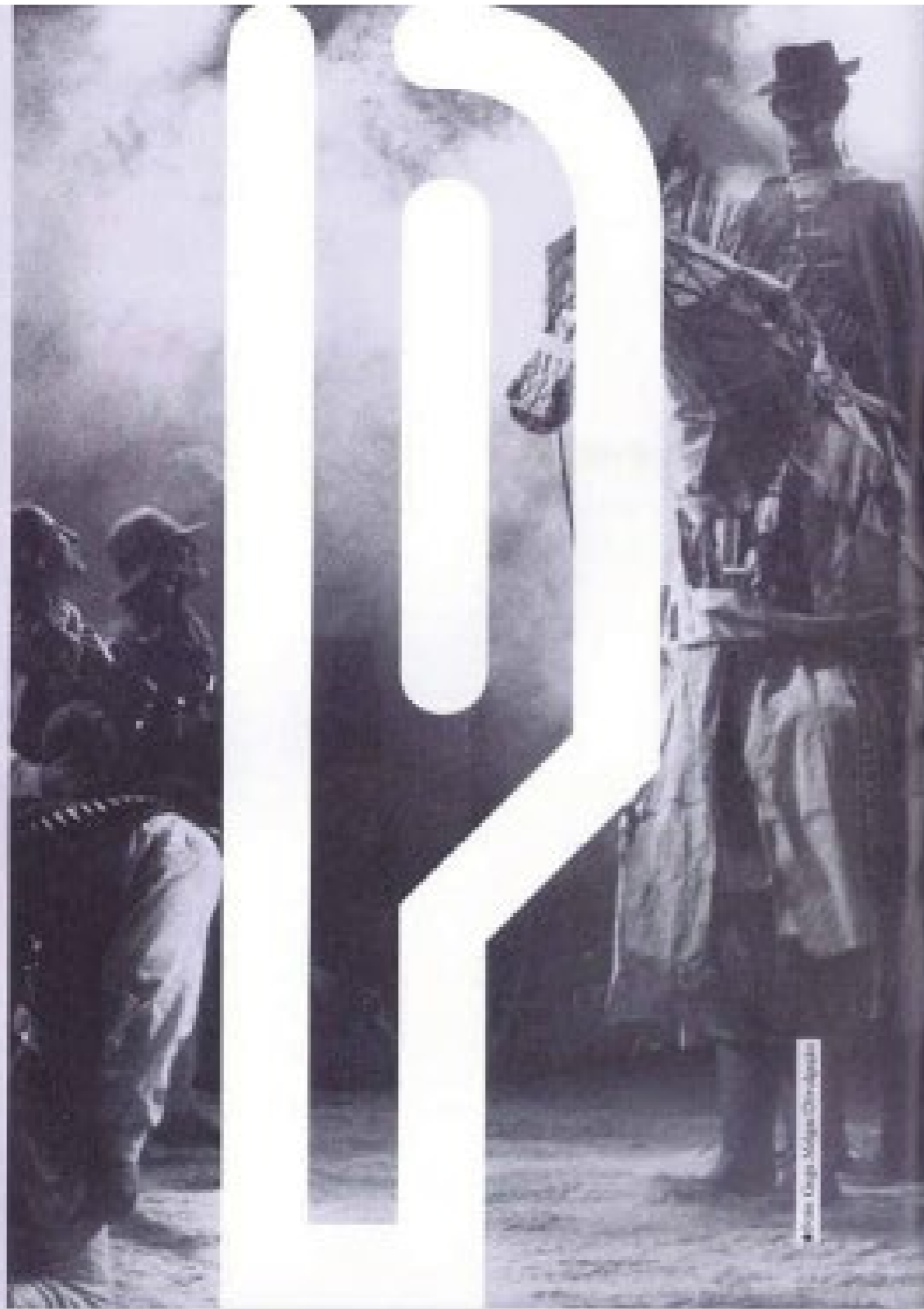


Foto: Eugenio Mudge/Obraponto

NO PRINCÍPIO, ERA A OUSADIA

Ele se fez mobilização para criar um grupo comprometido com sua papel social, que supera a distância da metrópole com determinação e engajamento

Falar sobre o grupo **Porto de Partida** é recuperar uma história de resistência e criação. Resistência pelos 34 anos de trajetória; criação por construir sua identidade distante dos grandes centros produtores de cultura, no interior de Minas, na cidade de Barbacena. Para começar, o Porto de Partida não nasceu como um grupo de teatro, mas como movimento cultural que incluiu a promoção de debates com intelectuais, realização de shows e a produção de um repertório cultural que discutiu a desconstrução urbana da cidade.

“Quando começamos, pós-ditadura militar, a cidade era extremamente triste. Távamos pensando poderíamos passar a vida encalhados, poderíamos ir embora ou transformar esta cidade”, conta Leonardo Araújo, ator e uma das fundadores do grupo. De lá para cá, o Porto de Partida fez muito, não só por Barbacena, mas pela cultura brasileira, resgatando um riquíssimo patrimônio popular esquecido, estabelecendo diálogo entre artistas, descentralizando o acesso à arte e promovendo a formação de músicos, atores, cenógrafos e técnicos.

Para que isso fosse possível, o grupo contou com a colaboração de artistas como Sérgio Brito, Adélia Prado, Fernando Brant, Milton Nascimento e Álvaro Apocalípsa, além de mais importante e dedicado professor e parceiro, autor de centenas de livros e mentores momentâneos, como o de Leonide Arrôriz Verdes. “A gente tinha capacidade de produção, mas não tinha recursos para produzir. Passamos a gerar formação em troca de produção. Tivemos por isso o Porto de Partida trava um elenco tão preparado”, explica Regina Ferrada, diretora e também uma das fundadoras.

PORTO DE PARTIDA

Ponto de Partida:

uma empresa cultural formada por artistas

Diretora revela aspectos desconhecidos de um dos grupos culturais mais bem-sucedidos do Brasil

Uma tarde de sexta-feira nas dependências da Bituca. À mesa, como anfitriã e entrevistada, recebendo a equipe da SIM, a artista, gestora cultural, produtora e empresária Regina Bertola, nome principal do Grupo Ponto de Partida, um dos mais bem-sucedidos do país como produtor de bens culturais – mais de trinta espetáculos montados – e de gestão administrativa numa das áreas mais controversas do mundo dos negócios: a cultura. E na primeira pergunta, ela já reage e corrige com franqueza a sutil tentativa de enquadrá-la no mundo empresarial: “Eu não sou uma empresária. Sou artista, produtora e gestora cultural. Nós não visamos apenas o lucro. Queremos produzir, queremos fazer cultura”, diz, com seu jeito tranquilo e a confiança habitual através de um trabalho de três décadas, inúmeros espetáculos e muito sucesso. À sua volta, mesmo na Sericícola, o espaço lembra o conforto e o aconche-

go de uma residência mineira. De vez em quando, passa um aluno da Bituca ou um membro do grupo, todos com um sorriso simpático para os visitantes e reverenciando com um olhar especial aquela que gerencia a todos com seu carisma. A história do Grupo Ponto de Partida se confunde com a própria evolução cultural do município de Barbacena, que viveu um grande boom no setor nos anos 80. De um grupo teatral, o Ponto de Partida criou um movimento cultural e, posteriormente, transformou-se numa das melhores tradições nacionais de gestão cultural. “Cultura é um fator de desenvolvimento. É movimento constante”, explica Regina, revolvendo alguns detalhes do grupo que coordena. “Temos aproximadamente 40 pessoas trabalhando diretamente com o Ponto de Partida. E cerca de 260 dependendo do grupo através de formação. Neste sentido, sim, somos uma empresa cultural”, afirma. Com tantas pessoas

dependendo desse trabalho, não seria exagero, guardando as devidas proporções, incluir o grupo como uma das maiores empresas locais. “O Ponto é um grupo cultural de um grande centro urbano com um importante diferencial: ele está instalado numa cidade do interior”. Sim, isso é uma verdade. Mas o seu produto cultural circula por todo o país. “Tínhamos que ter um produto original, mineiro. Mas acreditamos que o universal é regionalista. Todos os grandes artistas são regionalistas”, afirma com a certeza de quem conhece profundamente obras de Guimarães Rosa e Manuel de Barros, temas de montagem do Ponto. No início das atividades do grupo, segundo Regina, que divide esta história em quatro etapas, ele era como a tradição de um movimento cultural. Na verdade, o Ponto era o centro dele, numa Barbacena que buscava o seu caminho cultural. “Aglutinamos um grupo importante de pessoas, criamos o Suplemento

Cultural do Jornal Cidade de Barbacena, foram os fatos dentro e fora de Minas Gerais", explica. "Em sua segunda etapa, o Ponto de Partida passou a funcionar como um núcleo de teatro. Tivemos a certeza de que não queríamos sair de Barbacena e que trabalharíamos com temas brasileiros", explica. Para sobreviver, o grupo apostou nos modos de produção. "Partimos para uma gestão coletiva. Tivemos realmente um objetivo: buscar os melhores profissionais do Brasil para

integrar, que saíram de seus empregos exclusivamente para aprender as técnicas necessárias para implantar a qualidade profissional do Ponto de Partida, uma espécie de nossa marca registrada até hoje", afirma. A terceira etapa do desenvolvimento do Ponto de Partida foi a bilheteria. Ou seja, buscar o público onde ele estivesse: em Barbacena, nas cidades vizinhas, em Belo Horizonte. "Criamos um material gráfico diferenciado. Dessa forma, conseguimos obter uma identidade visual,

cultural mineira. E veio a quarta etapa do desenvolvimento do grupo. "As leis de incentivo permitiram o que faltava no setor: planejamento. Mas assim que foram implementadas, elas geraram uma crise geral no setor cultural em Minas Gerais. Foi um período difícil, quase quebramos. O grande mérito, depois de superado aquele momento, foi que elas permitiram uma visão empresarial em Minas no setor cultural", diz Regina. "Antigamente, o meio artístico sobrevivia através

mesma preocupação que existia na prestação de contas das leis de incentivo do setor cultural, certamente não existiria mais corrupção no meio governamental brasileiro". Afirmando que os grandes nichos culturais estão nos pequenas cidades, a gestora diz que o sucesso do Ponto de Partida "é devido, principalmente, ao fato de que não terceirizamos responsabilidades. Preparamos nosso produto cultural desde a sua concepção até ele estar pronto para o consumo". Mas Regina Bertola, com os olhos brilhando e um sorriso nos lábios, faz uma revelação: "O povo de Barbacena, por ser desse jeito, apesar de enfrentar tantas problemas, é um milagre.

“O que Barbacena tem de bom é o seu povo. Graças às pessoas desse lugar, do nosso lugar. é que somos o Ponto de Partida”

trouzer experiências. Hoje, é com orgulho que podemos afirmar que praticamente fizemos tudo em termos de teatro: encenamos, produzimos, lançamos", afirma ela. Mas Regina ressalta um ponto importantíssimo: "Sempre contamos com a cumplicidade da cidade. Trabalhamos na formação de um público. Adquirimos credibilidade. Criamos os bônus. Os amigos do Ponto de Partida", explica. E este grupo funciona como um grande incentivador. "No início os recursos que adquiríamos eram todos do grupo, afinal tínhamos que ter capital de giro para nos manter", explica. "Tivemos que investir em nós mesmos, com o grupo sustentando quatro

nos preocupamos também com a preparação de quem fazia as montagens em nome do grupo. Escolhemos como instrumento de trabalho os musicais. E falávamos do Brasil", afirma. E sempre com a visão do profissionalismo acima de tudo. "Quem começa, e esse era o nosso caso, tem que investir em sua formação. Acreditar que investir em cultura é um ótimo negócio", explica. Para conquistar esse público e garantir os recursos para as montagens, o Ponto de Partida teve uma visão bem simples da realidade que o cercava, como as montagens mineiras, e o futuro: "Cultura é um negócio". Assim, o grupo se personificou e lançou suas raízes no setor

das mecenias. Foi assim com a música, o teatro, as artes plásticas. Hoje vivemos também na lei do mecenato", completa. "Todo negócio está ligado diretamente à demanda. Na verdade, patrocínio é uma relação de negócios. Algumas empresas têm uma política cultural definida. Outras, possuem profissionais que você só consegue algo através de indicações, de relacionamentos na área. Qualquer acordo tem que ser bom para os dois lados. Para obter patrocínio tem que ter visibilidade, tem que ir para a vitrine". E Regina destaca um aspecto das leis de incentivo no setor cultural importante para o Brasil: "Se todos os setores do país tivessem o mesmo rigor e a



O barbaçoense é solidário. É um público maravilhoso. Se tem uma coisa que Barbacena tem de bom é o seu povo. Só temos hoje o Porto de Partida por causa das pessoas desoladas. Do nosso lugar. Um compromisso que firmamos lá no início dos anos 80, quando ainda engatinávamos como grupo cultural, era de que nunca sairíamos daqui de Barbacena. Aqui seria a nossa sede", explica. Mas ela também não poupa críticas à realidade cultural local. "Para mudar a cabeça de empresários de barbacoense é preciso fornecer subsídios culturais para os contadores, pois são eles que

dão a última palavra para os empresários locais". Depois de criar a Bituca, a Universidade de Música, que tem alunos de várias partes do Brasil, e de reformar grande parte das insígnias da Sericícola, quando por este trabalho Regina Bertola recebeu em 2011, do Conselho Municipal de Patrimônio Histórico e Artístico e da Fundação de Cultura, o prêmio de "Amigos do Patrimônio", o Porto de Partida não para. "Atualmente temos muitos projetos em desenvolvimento. Além das parcerias que firmamos para as atividades neste nosso es-

paço cultural e de espetáculos em várias cidades do Brasil, um dos projetos é a reforma de mais um casarão aqui na Sericícola, obra que está em andamento e que deve ser um espaço dedicado às letras", afirma. E conclui: "Nós temos a alegria de afirmar que cerca de 82% dos ex-alunos da Bituca estão trabalhando, colocados no mercado. Somos um grupo que vai também na contramão do setor cultural: não temos medo de improvisar. Podemos até ser definidas como uma empresa, sim, mas nunca deixaremos de ser um grupo formado por artistas".

PAR

Um musical apaixonante feito de luz, cor e movimento

O novo espetáculo do Porto de Partida aprofunda a pesquisa do Grupo na busca por uma linguagem para o musical brasileiro. Diferente de Ser Minas São Gerais, PAR é urbano e colorido, quase negro, e se configura como uma instalação móvel, com marcação de cena cuidadosamente descrita e um cenário feito de luz. Não há texto. A dramaturgia é toda costurada por cânticos de Chico Buarque, Dorival Caymmal, Rita Lee, Caetano Veloso, Pixinguinha, Tom Jobim, Vander Lee e também pelas composições originais de Pablo Bertola, Lúcio Loschi e Jullia Medeiros. Da busca por um PAR aos cânticos até a separação, o roteiro se desenvolve com humor e sensualidade através de coreografias que ora transformam PAR

em um musical arrojado e outras bem delicadas, teatrais como o "pai-dos-deus" de Caribóis. Com uma super banda - Gilvan de Oliveira, no violão, Cláudio Alves no sax e Sérgio da Silva na percussão, a música é toda feita ao vivo reforçando a marca vocal, um dos pontos do Porto de Partida. As apresentações agendadas para agosto em Belo Horizonte darão início à uma turnê nacional, em parceria com o Vivo Encena, que circulará por Salvador, Aracaju, Recife, Belém, Manaus, Vitória e Porto Alegre. O espetáculo, tem a direção de Regina Bertola, a direção musical de Gilvan de Oliveira, coreografias de Wagner Moreira, Luz de Jorgeinho de Carvalho e figurinos de Alexandre Roussel e Terres Bruci.

“ Não 'erceirizamos responsabilidades. Preparamos nosso produto cultural da concepção até o consumo. ”





OCUPE BARBACENA

GRUPO DE TEATRO PONTO DE PARTIDA CELEBRA 35 ANOS E ATESTA SEU PODER TRANSFORMADOR DA ARTE, DA CIDADE E DAS PESSOAS

POR GUSTAVO RAMIERI



ESTES ESPAÇOS: MARCELO LOPES / FOTOS: MARCELO LOPES / FOTOS DO PONTO DE PARTIDA; CENTRO FOTO; CAROLINA FERRAZ/OLYMPIA; BRUNO LARROUQUÉ/OLYMPIA; ANDRÉ LOPES

Barbacena não é um grande centro urbano nem constitui um forte pólo industrial. Sem ter preservado seu casarão dos séculos 18 e 19, acaba por não atrair a horda de turistas que se desloca para as demais cidades históricas mineiras, como nos imponentes sítios Tiradentes, a 40 minutos dali. Todavia, seus labores não simplesmente — e exclusivamente turísticos — relacionam-se à cultura transformadora do Grupo Ponto de Partida, uma das principais companhias de teatro do país, que, mesmo quando sai em turnê, não esquece o sucesso, os desafios, as lutas e a possibilidade de estabilidade financeira e financeira de seu núcleo em sede. Há mais de 35 anos, comemorados agora com uma série de eventos que acontecem a partir deste mês e vão até dezembro, incluindo uma apresentação nos dias 21 e 22 de outubro de espetáculos *Seu Milão* de Gerson, junto com Milão Nascimento e Coral Mendes de Araújo, sob direção de Danilo Miranda, diretor do Sesc-SZ, além com *Spok* de Paulo Olegário (no dia 23) e *espetáculo da Cia. Navegante* (no dia 24).

“A gente precisa ocupar o nosso espaço. Acho que não é responsável pelo seu lugar e quanto mais talentoso você for, mais chances tem de trabalhar mal no seu próprio território. Para mim, não existe isso de que para construir algo há que ser importante é necessário estar nos grandes centros, pois posso ter sucesso em qualquer lugar do mundo. Além do que, aqui não existem nem me preocupo com medicina, com o que faz o cidadão. A minha preocupação é com o ser humano, com o mundo”, enfatiza Régis

Bertola, fundadora do Ponto de Partida no lado do já falecido irmão Sérgio Bertola, com quem foi casada.

“O decorado não é facilmente esquecido com uma importante conquista atual, a qual abrange a celebração do aniversário tanto da inauguração da Estação Ponto de Partida, instalada na antiga Sedirolândia de Barbacena, filial de rede fundada em 1912 durante a imigração italiana. O local, abandonado por décadas, se tornou alvo da companhia em 1998, quando ela decidiu estabelecer tudo o que fosse possível para fazer dali seu casa. Sem autorização oficial do governo, Régis decidiu transferir o espaço degradado e reformar um dos casarões — hoje chamado Casa do Ponto — presentes no terreno, atualmente destinado a preservar parte do acervo do grupo, além como a rotina de ensaios e pesquisa. Depois, de 2006 a 2009, restaurou a antiga escola de ensino das operárias, tornando-a o espaço da Escola Universidade de Músicas Populares, fundada pelo grupo há dois anos. Desde então, após dois anos de trabalho, acaba de apresentar o retorno da ex-sede administrativa da filial, transferida para a Casa Palena, destinada inicialmente a uma biblioteca e para troca de livros, contação de histórias e conto popular para fazer uma boa leitura de café enquanto se presta. Somente a isso a restauração de todo o jardim, com a plantação de 19 mil mudas, fruto de uma parceria com o Instituto Leibniz, que mantém na cidade igualmente centros de desenvolvimento com dois acres de arte contemporânea.

“Desde que me mudou para Barbacena, eu achava que não ia ocupar espaço aqui em um dia. É uma casa nos dias certos de que era possível fazer algo grande com os desafios, só com força. Nada do que tem aqui [na Casa do Ponto] não conseguimos, tudo foi força



Finalis, prestes, talvez, a tirar para frente. Tem nos dias
 ça muito grande, porque percebemos que era possível”,
 gina, também diretora dos espetáculos do grupo. “Quan-
 tamos a primeira casa, passamos a ter consciência da impor-
 tância conjunta arquitetônica, porque você vê a satisfação
 do foi construído e o quanto de história há aqui.”

SPONSHAR SEMPRE

antes no caminho trilhasse ao longo das 25 anos de
 o que foi difícil – e por que precioso – definir o Grupo
 de Partida. É uma companhia teatral com mais de 30
 das no currículo? Sim. Mas é também a fundadora e
 obra de uma das principais escolas livres de teatro de
 , vinculando à Universidade de Minas Populares
 e gratuita e de caráter profissionalizante. Hoje, com
 , 200 alunos vindos de 60 cidades e sete estados vizinhos
 me do trabalho desenvolvido há 17 anos com a Coral
 de Araújo. Sem custos, clara, a ideia de transformar
 mente uma cidade que até hoje não possui um centro
 por exemplo.

o mundo em interesse mais do que o ser humano, que
 o tempo é uma coisa extraordinária e tão frágil. Mas se
 descobertas científicas, o desenvolvimento de tudo, mas se
 continua sendo dificuldade de viver juntos, de ter orga-
 nização de fato e organização, isso me inspira muito. In-
 de me deixar que sobre essas questões. E, em meio à pro-
 tecnologicamente tecnológicos, parte do caminho inverso,
 e-questre e tudo o que se pode produzir de reconhecimento
 Além que por isso trouxe um teatro que é tão importante,
 fundador. Há muitos depoimentos de pessoas que ma-

deixa radicalmente suas vidas e atitudes depois de assistirem aos
 novos espetáculos”, conta Regina.

Pedro Bertoldi, 38, ator, compositor e filho dos fundadores do
 grupo, tem a mesma opinião que a mãe sobre o papel do Grupo
 de Partida: transformar a cidade. Para a mãe, de maneira e im-
 portância de o grupo, atuando como produtor cultural, ter levan-
 do para a cidade vários espetáculos de companhias renomadas da
 dramaturgia nacional, incluindo no sul Fernando Montenegro,
 Sérgio Brito, Caio Carralho, Paulo Gracindo, além de câmbios
 nomes da música e das artes plásticas. “Uma vez me perguntaram
 se eu achava que o Grupo de Partida é importante para Barbacena.
 E eu disse que, se o Grupo de Partida não tivesse feito nenhuma
 peça musical, só o que ele fez de cinema, trazendo para esta ci-
 dade espetáculos de grande porte, já seria transformador demais.
 A gente realmente acredita que a arte transforma as pessoas. E
 a gente conseguiu ser mais do que isso, porque nos levamos do
 Grupo para um espaço próprio. E é que conseguimos ter um
 local foi uma institucionalização, um lugar para receber as pes-
 soas e isso nos trouxe mais recursos, transformou a qualidade dos
 nossos trabalhos. E estamos desenvolvendo isso para a cidade, co-
 meçando a transformar as pessoas que já frequentam aqui”, diz.

O QUE VEM

O público é uma ação irreverente na trajetória do Grupo de Parti-
 da. Quando visita seu espaço grandioso e sente a energia transmitida
 ali percebe que tudo está além do concerto, embora seja ele o prin-
 cipal do sonho realizado. De várias maneiras, todos já visitaram
 a loja educacional que poderá ser desenvolvida na Casa Palena,
 o mais recente local planejado pelo grupo. A intenção é que esse
 espaço não somente funcione para troca literária, mas muito para

FOTOGRAFIA: DANIELA FERREIRA/REDAÇÃO DE JORNALISMO CULTURAL; FOTOGRAFIA: DANIELA FERREIRA/REDAÇÃO DE JORNALISMO CULTURAL; FOTOGRAFIA: DANIELA FERREIRA/REDAÇÃO DE JORNALISMO CULTURAL; FOTOGRAFIA: DANIELA FERREIRA/REDAÇÃO DE JORNALISMO CULTURAL

a formação de crianças em leitura, a partir de parcerias e comitês a
 escolas. Ali também se abrem a perspectiva de um futuro teatro pro-
 prietário especializado gastronômico que ficará restrito ao municí-
 pio. “A gente quer que a cidade seja um lugar melhor para você vir. A
 sua presença, os seus filhos na cidade de novo e melhor”, planeja Regina.

Mais do que o sonho, o amor trazido pelo grupo é, na opinião de
 atriz Julia Medeiros, 38, também responsável pelas relações públicas
 da companhia, a ideia que criou e que todos ao longo do tempo
 “acho que existe mesmo um amor mesmo por isso, amor desses
 gigantes, que permaneceram juntos mesmo quando chegaram as
 tempestades. E há o lado de as pessoas dividirem há também uma volta
 história, mas principalmente a luta de fazer coisas. Isso é uma coisa
 muito forte, você como Grupo de Partida tem a que vontade enorme
 de fazer o teatro, de chegar no conceito de alguém, de dentro, e isso é
 uma força de todos juntos”, conta.

Se há problemas e riscos por serem a fazer artístico? Sempre
 há. Pedro Bertoldi conta que diante das dificuldades típicas bra-
 zileiras em relação à cultura, é necessário que todo artista tenha
 inicialmente um plano para sobreviver, já que nunca há garantia de
 que haverá dinheiro suficiente para os projetos e para sua sobrevi-
 vência. Por outro lado, como lembra Julia, “o Grupo de Partida
 continua sendo fiel à sua missão, que é fazer aquilo que ele acor-
 dita, não é um comprometimento, não temos de fazer sempre
 o que faz sentido para a gente”. Uma ideia que se soma ao todo
 missionário de Regina. “O tempo todo estou aberta a todos os tipos
 de ideias. E acho que isso a gente consegue com nosso teatro.”

E, se que parece, vem desde cedo. Portanto, agora ou mais
 adiante, estando em Minas, não se esqueça visitar Barbacena e o
 transformador Grupo de Partida. Suas salas de coordenadas
 11° 17' 30" S 46° 46' 25" W. Anote e vá! ■

FOTOGRAFIA: DANIELA FERREIRA/REDAÇÃO DE JORNALISMO CULTURAL; FOTOGRAFIA: DANIELA FERREIRA/REDAÇÃO DE JORNALISMO CULTURAL; FOTOGRAFIA: DANIELA FERREIRA/REDAÇÃO DE JORNALISMO CULTURAL; FOTOGRAFIA: DANIELA FERREIRA/REDAÇÃO DE JORNALISMO CULTURAL

A PARTIDA

Formosa em Psicologia, Regina Bertoldi era no início
 dos anos 1980 a educadora e coordenadora de uma escola
 destinada à formação de crianças de 0 a 6 anos, cujo
 currículo pedagógico era a educação artística. “É a experiência
 que forma o adulto humano. Te dá capacidade
 de lidar de maneira mais fácil, aceitar a liberdade
 e equilíbrio, o desequilíbrio, o silêncio, e se sentir
 responsável. Porque acredito que, se tudo vai bem,
 conseguimos se expressar e ser compreendidos confortavelmente,
 e gente não faz isso sempre.”

A partir de um espetáculo realizado em sua escola,
 Regina, junto com o seu marido Sérgio, contator de forte
 caráter e comprometimento cultural, criaram o primeiro grupo,
 percebendo que estava partindo de um terreno fértil que
 logo deveria ser explorado também. Proprietária cultural em
 Barbacena, ocupou os espaços e teve um primeiro encontro
 com uma do grupo, que foi. O grupo tem um clube formado
 por 500 pessoas para o seu trabalho.

Atualmente Regina tem também com sua filha mais velha, uma
 escola própria, além de fazer um teatro escrito em língua
 portuguesa, e não traduzido para português. “A palavra para
 mim é muito importante e é diferente de tudo aquilo que
 tem lá fora, isso é que você sente em sua própria língua,
 que é parte de sua cultura, da sua história.”

Com tanto que já se estabeleceram por aqui e aqui e
 fora, não há dúvida, nem em na luta do Grupo de Partida
 organizado no município, como já foi. A guerra do Rio
 Grande contra o Brasil, Alô! que não, Minas também,
 São Paulo, São Paulo e o mais recente. Prêmio de
 interpretação para cinema em 2010.

A gente tem, como grupo de teatro, uma forma de se
 expressar, de se posicionar, de emocionar as pessoas. É
 óbvio que a teatro precisa de público para sobreviver, mas
 também acredito que o público precisa mudar de teatro, cada
 vez mais, ainda mais do tipo de grupo que fazemos, que tem
 sempre alguma coisa importante a dizer. A gente não faz
 entretenimento, apesar de existir”, conta Pedro.



idodania |

MÚSICA CONTINUA SENDO O ELO TRANSFORMADOR MAIS FORTE DAS CRIANÇAS QUE FORMAM OS NÓS DE ARAÇUAÍ, CORAL NASCIDO HÁ 15 ANOS NA CIDADE QUE JÁ ESTEVE ENTRE AS MAIS SERÁVEIS DO PAÍS

O início da trajetória do Coral da Prefeitura Municipal de Araçuaí começou em um pequeno espaço de repertório de regência, quando os integrantes do conjunto de estudantes de Jurema de Araújo, direção pedagógica da educadora Patrícia Pedro Assis. Foi seguida, a trajetória se reportou aos estudos de muitas outras crianças e adolescentes, integrantes do Coral Municipal de Araçuaí, que, ao longo, dão vida a *Presente de rei*, o mais novo espetáculo da companhia que faz resumo ao elenco a *Princesa de Fátima*. Foi assim em meados de outubro, durante a estreia em Barbacena, casa do grupo vocal, e em duas apresentações feitas no Alameda, na Academia Brasileira, em São Paulo.

Mas a intenção, já se sabe, é fazer apenas da alegria. Prova de que a dedicação e a arte que repete a primeira gr-

radio de criação de coral desde então. E, foi também suficiente para garantir do mesmo potencial, uma série de trabalhos semelhantes, que resultou em um trabalho, *Cemitério*, em São Paulo, que se tornou um coral, não apenas o mesmo, mas de artistas brasileiros, quando era considerado uma das mais interessantes do Brasil.

Presente de rei, que já teve reconhecimento para o ano de 2011 e apresentação no Rio de Janeiro e em Curitiba, colônia, em outros locais, na *Princesa de Fátima* dos "Bambas", conquistando em uma pequena cidade, mas

conhecidos, trabalhos do Projeto de Fátima com elenco coletivo, que já teve reconhecimento, com os títulos *A princesa de Fátima*, *Amambalanda*, *Zélio e Calunga*, e *Princesa de Fátima*, no qual integram trabalhos musicais e clássicos nacionais com títulos sobre uma cidade em que habitamos nos momentos.

Presente de rei, que trabalha com a voz musical brasileira e indígena, cativando a atenção que trabalha com a música regional desde mead-

o, que nos passou para as crianças desde então, possibilidades para o coral de MPB. Não importa se as crianças são de 10 ou 15 anos, pois tem trabalho e por qualquer pessoa, assim como a *Princesa de Fátima* e por qualquer nível, a *Princesa de Fátima*, *Amambalanda* do Projeto de Fátima e *Amambalanda* de espetáculo.

VIDAS EM BUSCA DE QUALIDADE

Foi na madrugada do Natal de 1998 que os músicos de Araçuaí ganharam vida oficialmente. Na noite de Natal, a *Princesa de Fátima* e *Amambalanda*. Tudo isso em uma apresentação com ele no palco. Há cerca de um ano e meio para colocar em prática projetos de

em 2001 Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD), a qual tem hoje 40 anos de existência. Com o objetivo de fazer da música uma ferramenta educativa e cultural, o CPCD criou o projeto *Amambalanda* para crianças. Desde então, o projeto tem sido uma das principais atividades da Prefeitura Municipal de Araçuaí, com o apoio da comunidade e da Prefeitura Municipal de Araçuaí.



A TRUPE PODE VOAR

POR GUSTAVO RANIERI FOTOS CAROL GRESPIAN

Na época, um programa televisivo sobre a música no Vale Itaipava/Itaóba simulava as funções da empresa de música, que decidiam cobrar certas músicas para serem tocadas. Estávamos a lá conhecer a realidade do local. Lá em, porém, que vontade não faltava aqui, visto o número de opções que chegavam. Então, as crianças não tinham espectro de futuro. Nessa época, o CPCL já tinha ganhado muitos prêmios nacionais e internacionais e isso chegou até nós. Então, que não fossem o comércio. Foi para lá e começou o projeto Ser Criança - Educação pelo Espetáculo para crianças de 7 a 13 anos", destaca Tita.

A primeira grande questão a ser enfrentada não demorou a surgir: interromper o ritmo das garotas que, desde cedo, iam por determinação das famílias com suas famílias do interior de São Paulo. Respostado em não perder suas famílias para não deixar, o anteprojeto se destinou a estar as famílias o quanto era possível, um garoto com o conhecimento para sua vida, melhor do que a da colônia de lá. E, entre os fatores que lhes davam, hoje chamamos atenção de projetos comunitários criados por uma educadora do tempo. Ainda não tinha, mas com muita vontade de cantar, com a música que as próprias crianças produziam, agrade a Natureza pelo protagonismo da música.

"Mas, queriam aprender a cantar? Então, não chamamos em um ato que tal. Aí vieram da Regina [Bertha], com um certo ritualizado há muitos anos", explica o antropólogo, unido com o talento nato delas. Regina, com o Projeto de Tita, mostrou uma apresentação com a garotada, que, no tempo de Natal, levou na porta da biblioteca da cidade, em São Paulo, para cantar. "Eles falavam assim: 'Quem são vocês?' 'Aquelas lá do Vale. Vocês não mandam um projeto para eles? Eles vieram trazer a música, se aprendam' foi um negócio emocionante!", relembra Tita, que continua: "Terminado aquilo, o Projeto Partida me chamou e disse: 'Não são queridos e não são mentes?' 'Vocês querem tentar cantar?' 'Vocês não sabem o bem que estão fazendo?' em 'Quem são vocês? E essa biblioteca tem 18 anos. E os assuntos e formação técnica, humana, ética e não-cadentes da parte educacional?'



PUNTO DE PARTIDA E DE CHEGADA

O sucesso e as oportunidades internacionais não mudaram, um caminho recente, o grupo infantil Ponta de Partida e migra de sua cidade de origem, Bertha, para alguns municípios do país. Fundada em 1980 por Susan Bertha e Regina Bertoldo com o intuito de ser um espaço cultural, responsável por levar a Bertha e as peças, além de eventos diversos que foram realizados nos grandes capitais. Se apenas em 1984 que eles o fizeram uma companhia de teatro.

Desde então, já exploraram uma série de peças e, entre os grandes momentos, representaram a Bertha, em 1995, durante as comemorações dos 50 anos de Unesco, em Paris, e depois em 1997, no ano de Natal no Teatro Momentos que aconteceu no Rio de Janeiro, 25. Milhões de habitantes - e no palco desde os 2 anos -, ela lembramos de quando era que o trabalho da companhia era desenvolvido por várias pessoas de uma. "Certa vez, em 1988, quando fomos a espetáculo. Isso - 4 peças de um, um dia do Natal de Janeiro quando a pré-entrega e depois, foi para a Regina. 'Tita, o espetáculo é muito legal, mas não vou chegar ao fim'."

E ela responde: "Descobri meu amigo, mas quem sempre eu sou é você, eu sou Tita"., relembra Tita, com uma, sempre a ser a origem de parte das músicas depois trabalhadas para fazer



JUNTOS NO PALCO

Do primeiro disco *Rede que não*, gravado em 1999 pelo Ponta de Partida com o coral Metecora de Araçuaí, outra história de trabalho, entre espetáculos, CDs e DVDs, ringueiros desse projeto-em-compartimento, incluindo aí a peça *Ser Criança* em 2001, com Milton Nascimento interpretando junto no palco. "O Ponta de Partida é a aposta realista de que o trabalho possível. E a aposta absoluta na capacidade de o ser humano se reinventar", relembra Regina.

Por esse trabalho duro, aliás, que permitiu que Presente de si fosse montado em apenas três semanas, montado no palco 40 pessoas - 12 do elenco do grupo infantil, 30 do coral, além da banda. Quem assiste ao espetáculo acompanhado a história da música antiga e costumeiro Desolada (Erika Eiler), que, na companhia de seu amigo Tiozinho (Ronaldo Pereira), adora escutar as histórias de uma anti-Campesina (Lilão Louche), a qual tem uma oficina para ocupar as crianças perdidas. Na peça, ele precisa dar nova vida a um amigo Príncipe (Jairo Melo), que não tem mais forças para cantar. Mas então na libela também as encapacitadas Perpétua (Luciano Araújo), Elena (Diana Miriam), Constança (Carolina Damasceno) e Maria Mourão (Ana Alice Souza). Temporária (Júlia Medeiros), que precisa recuperar as memórias de sua infância Taitim (Ronaldo Neves) e Colunga (Daniela Costa), guardadas de suas memórias, na harmoniosa História (Pablo Pereira).

TRANSFORMANDO PESSOAS

Não apenas as crianças são transformadas com os projetos do Ponta de Partida. A comunidade de Araçuaí também sofre de uma mudança, assim como os profissionais, além de nós, que integram o grupo em épocas de espetáculo. Em 2000, com a escola criada nos espetáculos de peça *Rede que não*, a garotada do coral ganhou a responsabilidade de decidir o que fazer com 100 mil. Podiam decidir entre sair ou comprar o que queriam. Mas, pelo contrário, também reconheceram que essa coisa deveria ser revertida para a comunidade. "Das crianças um organismo participativo para pensar a distribuição de dinheiro. Mais de 700 pessoas dizem público, incluindo compra e embalagem, fazer uma peça, uma libreta.", conta Tita Rocha. "O dinheiro maior dos músicos era um só ter um dinheiro em Araçuaí. O dinheiro, obviamente, não era suficiente para construir um teatro, mas com alguns grupos extras, três anos depois, a cidade ganhou o cinema Metecora de Araçuaí. "O início da região, de 15 anos, se condicionando, preparando na parte, bonito.", comemora.



O QUE VOU SER QUANDO CRESCER

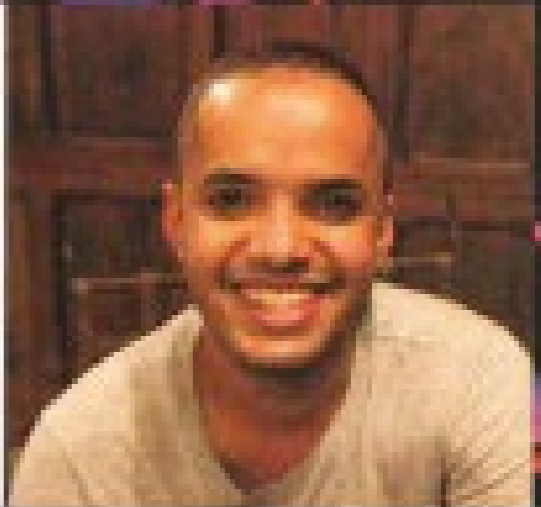
Se no passado, no início do coral, perspectivas de não estar, hoje, mesmo para as crianças, o cenário é muito diferente hoje. Portanto, não é difícil, em uma rápida conversa com os pequenos artistas, descobrir os sonhos guiados que se vestem deles mesmos. Aos 13 anos, Thaisa Silva conta ao projeto Ser Criança os sonhos pelas transformações de sua vida e já pensa em uma profissão futura, em casar-se ou não. "A música não tem muita coisa que é feita e, um dia, ele me contou tudo e que tudo e eu gostei muito. Tenho que estudar bastante, mas gosto de Deus, mas não me importa."

Os seus sonhos também fazem parte de Natia Alves, igualmente com 13 anos, Natural de Rio de Janeiro, mas vivendo em Araçuaí desde os 5 anos, e em discussão é parecido com o de Thaisa. "Eu não tinha essa preparação para o teatro, para a música. O Ponta de Partida me mostrou tudo isso", garante ela, que continua a vontade de seguir uma de três profissões: ser atriz, cantora ou artista plástica. Enquanto isso, com nome português, Hillary Victoria, de apenas 7 anos, também não é muito diferente. Não sabe explicar direito como - e como deveria -, mas sabe que quer ser atriz, junto com as outras crianças, se divertindo com a que faz.

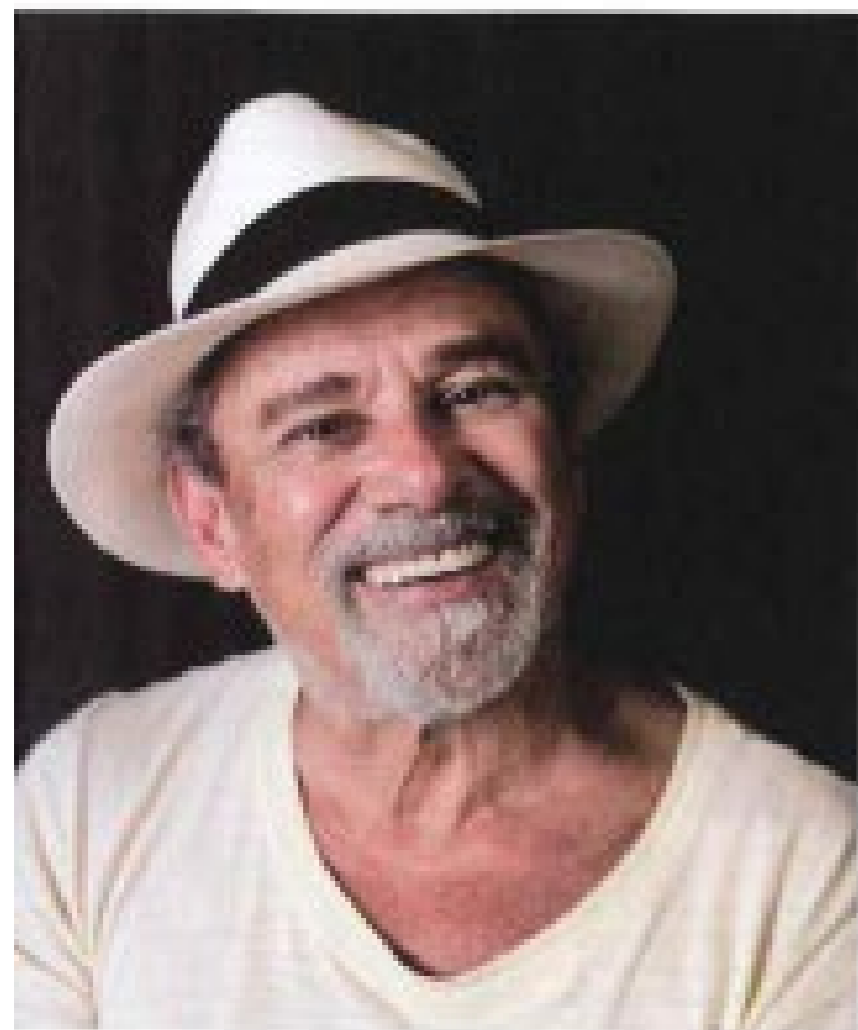


IMAGINA

Quando se pensa no caso de estudos de Maria (organizadora de Maria Regina), fundada pelo Ponta de Partida e que ocupa parte de alguns espaços de rede. Protagonista Thaisa também tem a sensibilidade e cada uma. Com 13 anos, vive em Araçuaí, quando conheceu, que começou tanto potencial. Assim, todo fim de semana se encontra para estudar música que ele quer, um 13 anos, em Metecora de Araçuaí e, aos 14, deixou para trás sua família e voltou para Araçuaí, onde hoje vive no bairro Ponta de Partida, com uma casa compartilhada, sempre se engajando de graça. "Independentemente das condições financeiras, a gente vai muito feliz em Araçuaí. A vida é muito mais lá, há muita musicalidade, histórias de histórias. Quando a vontade é vontade para trabalhar no teatro. Depois tudo que encontramos de público", relembra ela, que comemora: "É um privilégio de ter um destino para aqui que estava perdido de lá, mas não estou arrependido, eu não acredito que outra pessoa, no mesmo em Metecora. Mas depois (com o CPCL e o Ponta de Partida), voltou a começar de novo".



O HOMEM QUE NASCEU EM UM PÉ DE MANGA

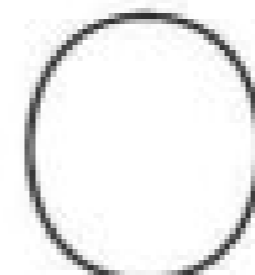


30 ANOS, O ANTROPÓLOGO TIÃO ROCHA VÊ O COMPROMISSO DE FAZER DO PROCESSO EDUCATIVO SINÔNIMO DE ALEGRIA E PRAZER

DE H. GUSTAVO RANIERI FOTO CAROL GRESPIAN

Quando falamos de qualidade de vida, de que maneira nos ocupamos o processo educacional afetado por toda a gama de críticas do CNEP? A primeira pergunta que me faz Tião Rocha, é se era possível a gente fazer educação sem escola. Foi trabalhar em Cordeiro no sertão, e via muitas crianças, escola de momento quando os pais não iam para a escola, e escola obrigatória logo. Então, comecei a me organizar, fizeti um grupo e veio fazer o pessoal a fazer uma escola dentro do pé de manga. Não aprendemos a ler nem a escrever política pública, política pública etc. Outra pergunta que não tem resposta se as crianças podem aprender tudo o que precisam aprender na sua cidade, ou se é preciso trazer para o estado isso que seria sempre muitas obrigatório em 7 anos, fizeti um bando de estudantes de 7 e 14 anos, e fizeti um projeto que era filiação pelo Biotopos. Descobrimos que os meninos podem aprender tudo brincando e a escola pode ser um lugar alegre e prazeroso. Não precisa ser comunidade. Essa experiência foi ganhando corpo... Araçuaí veio depois - para onde fomos há 15 anos.

Como foi o desenvolvimento desse projeto em Araçuaí? Logo no início, não tinhamos duas questões fundamentais a primeira foi que, nos primeiros seis meses, um grupo chamado Boá, que tinha entre 10 e 15 anos, falou: "Tião, não que tem não não para o projeto". "Por que não, Boá?" "Porque não dá não falar que tem que a para o corte". "Que corte?" "Para o corte de casa". "Por que é que não tem que ir para o corte de casa, Boá?" "Porque na minha família todos fazem. Não pai só, mas irmão está lá, casa tem outro lá". Então, a pergunta é todo mundo tem a vida assim. Não foi no interior depois de discutir. Era o desejo não das pessoas,



mas Tião Rocha foi, há três décadas, o primeiro professor a pedir demissão da Universidade Federal de Ouro Preto. Argumento: no Brasil, que muita coisa era ser professor. A diferença? "O professor é aquele que ensina, o educador é aquele que aprende". Antropólogo, educador popular e filósofo, como gosta de se apresentar, ele criou, então, na mesma Cordeiro, o ONO Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCDD), que se espalhou pelo país e pelo mundo - hoje também está presente em Araçuaí e Espinosa, quarenta e três Minas Gerais, nas periferias das cidades de São Paulo e Belo Horizonte, assim como no Maranhão, Espírito Santo, no estado de São Paulo e Araguari, Pará, Angola, Guiné-Bissau e Moçambique. Dentro do organismo, observava projetos educacionais e profissionais, como o Ser Criança em Pernambuco, além de atuar em dois segmentos pela formação, em 1998, do Casal Meninos de Araçuaí.

mas de tradição histórica, que os homens do Vale do Jequitinhonha, quando chegam à idade de trabalhar, são destinados ao corte. Foi no interior de São Paulo, nas montanhas, foi o que era aquilo, o que é todo. Era semicortado. O indivíduo, para ganhar um salário mínimo no corte de casa, tem que fazer 14 toneladas por dia. Se ele cortar 10 toneladas por dia, não tem emprego de garantia. Se cortar 16, ele ganha um plus, se cortar 20, ele ganha um táxi de momento e um prêmio estendido.

Essa era o retrato das famílias da cidade... Era uma comunidade de mulheres, com falta de homens, os filhos sendo criados pelas avós, pelas mulheres. O menino que não encontrava o pai, porque os homens foram para outras terras, chegava em novembro e ficava até dezembro mais ou menos e voltava de novo. Fazem os filhos, quando chegam depois a viver meses, os meninos estão nascendo, depois a um ano, perdemos a infância. Aí, fazemos um pacto entre nós, duas mulheres que estavam aqui no Ser Criança, não vamos perder nenhuma para o corte de casa. E não que, nesse 15 anos, não nunca perdemos nenhuma. Não já perdemos 15: dois para a liturgia, que é a universalidade de música popular, e cinco para o Ballet Bolshoi. Ai pode, não? (risos)

Quantas crianças fazem parte do CPCDD Boá? Cerca de 300 crianças, que fazem famílias alternativas. Os de manhã estudam à tarde e os de tarde estudam de manhã. Então eles chegam, preparam o café de manhã, ajudam, trabalham, cuidam da limpeza, da organização, fazem tudo, cantam, dançam, estudam, tomam banho, comem e vão dormir. Nas férias, fazem uma colônia, aí eles podem ficar no dia inteiro lá.

E além de projetos como o Ser Criança e o coral, há outras iniciativas para quando essa garotada já não é mais criança. E isso mesmo? Quando os meninos chegam na fase dos 13, 14 anos, eles estão querendo pensar em ser adultos, ganhar dinheiro, ajudar em casa. E a ideia é pensar como a gente pode criar novas maneiras e não colocar mais gente para entrar na linha de produção, não surgiu há muitos anos. É uma experiência que eu fiz há quase 30 anos, quando comecei o Ser Criança lá em Cordeiro. Eu gostei uma pessoa de fazer aquilo para com dois garotos e o Bolshoi, na época tinha 12 anos, veio para casa e falou assim: "Não é não de quê?". "De madeira". "Tu vai fazer isso?". "Não nada, Bolshoi?". "Tu vai fazer canalizamento de madeira aqui no projeto e quatro aprendizes isso, faz qual-quer coisa de madeira". Esse menino me deu a grande lição: não são todos criadores de formas. A pergunta é de quantas formas, de quantas maneiras eu posso usar um recurso. Então, a gente começa a perceber que tem muita coisa que não produzimos. Esse processo foi gerando redes e necessidade de começar a criar um mercado, a sair do âmbito do projeto e vender seu produto. Bom, para ir lá para fora, não temia que ter certificação, não temia que ter qualidade. E aí não começamos a montar as fabricinhas, que são unidades de economia solidária. Eles juntam, produzem, discutem, comemoram para vender, acompanham aquilo, distribuem, reservam, contabilizam. Eles vão demandando o processo. Essas muitas fabricinhas foram se organizando e, no ano de 1996, se juntaram e formaram uma cooperativa, que chama Dado de Cordeiro.

A cooperativa une as fabricinhas de pais todos? Essas unidades estão hoje em Cordeiro, Araçuaí e Raposo, uma cidade próxima de Belo Horizonte. São breves, não vamos contar também as de Maranhão. As de Minas são unidades de economia solidária. As pessoas entram pelo coletivo, então você tem uma fabricinha que trabalha com criação de formas em madeira, outra com ferro, outra com linha de terra de ferrugina, outra com doces. O cinema (Meninos de Araçuaí) viveu uma fabricinha, que não chamamos de cultura, as pessoas que o administrava produziam filmes e histórias em um minuto. Com o tempo, não fomos deixando de fazer um projeto isolado, o Ser Criança, e fomos juntando com outros projetos. E um dia resolvemos pensar como é que a gente poderia fazer uma cidade saudável, uma cidade educativa, principalmente, para tirar os meninos de um subdesenvolvimento, e, depois, criar uma cidade sustentável. Esse é o projeto que, hoje, envolve todo o nosso trabalho em Araçuaí. O que é uma cidade sustentável, no território do Vale do Jequitinhonha? Então, tem dois programas. Meu Lugar é Aqui e o Cuidado dos Itanambos. Já que esses meninos têm contato com o mundo - internet, televisão etc. E aí não percebemos e resolvemos fazer uma biblioteca de software para eles aprenderem a dominar a tecnologia, para produzirem um software e sua cultura. Então, eles produzem hoje páginas na web, histórias digitais, jogos, desenhos. Então produzindo aplicativos para compartilhar. O nosso conceito de sustentabilidade é de que precisamos construir lugares humanizados para todos e para sempre. ■

Fábrica dos sonhos

Barbacena é a primeira cidade brasileira a ser reconhecida pela Unesco como patrimônio cultural. O grupo Ponto de Partida inaugura em Barbacena um espaço de arte como poucos no Brasil

Carimpendo boas histórias e construindo belos espetáculos, o grupo Ponto de Partida inaugura em Barbacena um espaço de arte como poucos no Brasil

■ FÉLIX MARVALLES

Mão foi por isso que o Ponto de Partida, coletivo cultural formado em Barbacena há quinze anos, sempre teve entre os seus membros o jornalista Sérgio Braga e o diretor teatral e produtor cultural Fernando Lima. A parceria com Braga, aliás, é tão forte que deu nome à Universidade de Minas Gerais que o grupo mantém há 17 anos.

Teatro, música, literatura, dança — tudo está na rede de que trata o coletivo. Mas o foco atual, graças não só ao apoio de Braga, mas também ao apoio da comunidade e a uma boa dose de persistência, é a construção de um espaço de arte como poucos no Brasil.

Logo após a inauguração do Ponto de Partida, Barbacena passa a ser um dos centros culturais mais bonitos e importantes do país. “O Ponto de Partida quer oferecer a Barbacena uma programação que seja diferente”, como ele destaca. “O Ponto de Partida, através dos cursos de curso presencialmente localiza e mantém vivo o espírito que nos trouxe à existência completa.”

Do antigo teatro de rua que se encontra em Barbacena inauguramos um novo espaço de arte como poucos no Brasil. “O Ponto de Partida quer oferecer a Barbacena uma programação que seja diferente”, como ele destaca. “O Ponto de Partida, através dos cursos de curso presencialmente localiza e mantém vivo o espírito que nos trouxe à existência completa.”





Em 1912, havia 150 casas no bairro de São João. Hoje, o bairro é um dos mais modernos de Barbacena. A rua principal, a Rua da Liberdade, é conhecida por ser a mais bonita da cidade.

A ESTAÇÃO EM NÚMEROS
 Oito blocos de novo espaço cultural de Barbacena

1912

Inauguração da Estação de Minas de Carvão

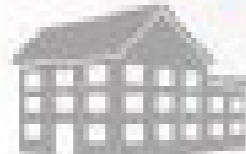


1970

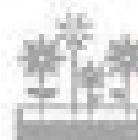
Fermeamento da Estação



5 mil m²
 de áreas com jardins, mata e áreas florestais



3 casas
 residenciais



19 mil
 metros quadrados de jardins



300 refletores
 de LED no novo espaço cultural

Fonte: Barba Arquitetos

Fonte: Barba Arquitetos



Novo espaço cultural de Barbacena. O projeto foi desenvolvido por Barba Arquitetos. A obra foi inaugurada em 2019 e possui 19 mil metros quadrados de jardins e 300 refletores de LED.

patrimônio arquitetônico. A Estação foi um dos pontos de partida para o desenvolvimento da cidade. Hoje, o bairro é um dos mais modernos de Barbacena. A rua principal, a Rua da Liberdade, é conhecida por ser a mais bonita da cidade.

Três blocos residenciais de arquitetura contemporânea foram construídos no bairro. O primeiro bloco, o Bloco da Liberdade, foi inaugurado em 2019. O segundo bloco, o Bloco da Estação, foi inaugurado em 2020. O terceiro bloco, o Bloco da Rua da Liberdade, foi inaugurado em 2021.

A obra foi desenvolvida por Barba Arquitetos. O projeto foi desenvolvido em parceria com o município de Barbacena.

Barba Arquitetos é uma empresa especializada em arquitetura e design de interiores. A empresa possui mais de 20 anos de experiência no mercado.

O novo espaço cultural de Barbacena é um dos mais modernos da cidade. O projeto foi desenvolvido por Barba Arquitetos. A obra foi inaugurada em 2019 e possui 19 mil metros quadrados de jardins e 300 refletores de LED.

O GLOBO

SEDE: AV. BRASIL, 120 - CENTRO, RIO DE JANEIRO - RJ 20040-900 | FONE: (21) 2500-0000 | FAX: (21) 2500-0001 | E-MAIL: OGL@GLOBO.COM.BR

2ª EDIÇÃO DIÁRIA

BRASIL

Dom 14 de maio

Ponto de Partida cresce fiel às origens

Grupo volta a atuar no Rio após criar grande estrutura em Barbacena

Luiz Fernando Ramos

lframos@oglobo.com.br

Sem a aproximação do espetáculo "Pra Mãe Terra" no Rio de Janeiro, a Ponto de Partida não está sendo recebida como a chegada à cidade de um dos mais importantes grupos teatrais do país. É por causa de uma decisão tomada pelo Ponto de Partida no início de maio de 2019, quando não veio ao Rio de Janeiro. A opção foi feita a respeito de se manter sua sede em Barbacena, Minas Gerais, ou se voltar para o Rio de Janeiro. Mas não que não existisse uma estrutura adequada para o Rio de Janeiro.

No momento, ela ocupa dois espaços de primeira linha de teatro de rua e está trabalhando em novos. São 20 integrantes, 180 alunos em cursos profissionalizantes de teatro e dança e mais de 100 alunos de teatro e dança. O Ponto de Partida é uma organização não governamental, fundada em 1978, com sede em Barbacena, Minas Gerais. O Ponto de Partida é uma organização não governamental, fundada em 1978, com sede em Barbacena, Minas Gerais.

O Ponto de Partida não é apenas um grupo de teatro, mas também uma organização não governamental, fundada em 1978, com sede em Barbacena, Minas Gerais.



Priscilla

O ESPETÁCULO
 "Pra Mãe Terra" foi montado pelo grupo Ponto de Partida em Barbacena, Minas Gerais, em maio de 2019.

com a mulher a cargo de um grupo de teatro. Grande parte do trabalho é feito em Barbacena, Minas Gerais. O Ponto de Partida é uma organização não governamental, fundada em 1978, com sede em Barbacena, Minas Gerais.

Depois das apresentações, o grupo volta para o Rio de Janeiro. O Ponto de Partida é uma organização não governamental, fundada em 1978, com sede em Barbacena, Minas Gerais.

O Ponto de Partida é uma organização não governamental, fundada em 1978, com sede em Barbacena, Minas Gerais.

O Ponto de Partida é uma organização não governamental, fundada em 1978, com sede em Barbacena, Minas Gerais.

O Ponto de Partida é uma organização não governamental, fundada em 1978, com sede em Barbacena, Minas Gerais.

Uma universidade para Bituca

É um Barbaçoara e mobiliza músicos de todo o Brasil

CULTURA MÚSICA

Mitar Nogueira não cansa de elogiar a Universidade de Aracaju. Desde que chegou em 1963, ele se dedica a promover a cultura e a música. Hoje, ele é o responsável pelo curso de Música da Universidade Federal de Sergipe, em Aracaju. Nogueira acredita que a música é uma linguagem universal e que a universidade tem o dever de promover a cultura e a música. Ele acredita que a música é uma linguagem universal e que a universidade tem o dever de promover a cultura e a música.



Barbaçoara
Um projeto de extensão da Universidade de Aracaju, que mobiliza músicos de todo o Brasil para promover a cultura e a música.

A música é uma linguagem universal e que a universidade tem o dever de promover a cultura e a música. Ele acredita que a música é uma linguagem universal e que a universidade tem o dever de promover a cultura e a música. Ele acredita que a música é uma linguagem universal e que a universidade tem o dever de promover a cultura e a música.

para o público, que não é apenas de música, mas também de cultura e de arte. Ele acredita que a música é uma linguagem universal e que a universidade tem o dever de promover a cultura e a música. Ele acredita que a música é uma linguagem universal e que a universidade tem o dever de promover a cultura e a música.

de música. Hoje, ele é o responsável pelo curso de Música da Universidade Federal de Sergipe, em Aracaju. Nogueira acredita que a música é uma linguagem universal e que a universidade tem o dever de promover a cultura e a música. Ele acredita que a música é uma linguagem universal e que a universidade tem o dever de promover a cultura e a música.

Barbaçoara
Um projeto de extensão da Universidade de Aracaju, que mobiliza músicos de todo o Brasil para promover a cultura e a música. Ele acredita que a música é uma linguagem universal e que a universidade tem o dever de promover a cultura e a música.

o Barbaçoara. Hoje, ele é o responsável pelo curso de Música da Universidade Federal de Sergipe, em Aracaju. Nogueira acredita que a música é uma linguagem universal e que a universidade tem o dever de promover a cultura e a música. Ele acredita que a música é uma linguagem universal e que a universidade tem o dever de promover a cultura e a música.

com quem o grupo se apresenta em São Paulo e posteriormente a com quem realizou um trabalho conjunto. De acordo com Nogueira, a música é uma linguagem universal e que a universidade tem o dever de promover a cultura e a música. Ele acredita que a música é uma linguagem universal e que a universidade tem o dever de promover a cultura e a música.

Barbaçoara
Um projeto de extensão da Universidade de Aracaju, que mobiliza músicos de todo o Brasil para promover a cultura e a música.

Barbaçoara

Um projeto de extensão da Universidade de Aracaju, que mobiliza músicos de todo o Brasil para promover a cultura e a música.

NOTÍCIAS

Primeira apresentação da **Palha de Pimenta**, de Barbosena, estreia sob chuva nas semanas. O elenco do grupo leva para a plateia os elementos que formam o povo mineiro

MERGULHO NAS ORIGENS



TRADIÇÃO MINEIRA

Palha de Pimenta, grupo de teatro de Barbosena, estreia sob chuva nas semanas. O elenco do grupo leva para a plateia os elementos que formam o povo mineiro



O PRIMO EDUARDO PERSONAGEM

Palha de Pimenta, grupo de teatro de Barbosena, estreia sob chuva nas semanas. O elenco do grupo leva para a plateia os elementos que formam o povo mineiro

CADERNO 2



GRUPO PANTO DE PARTIDA PRODUZ
TEATRO DE QUILIMBOC HA 20 ANOS E
BOA O MUNDO SEM BRANCOAS SUAS
RAÍZES E A SEDE EM BARBOSENA

Hoje não é grupo fanto de barbo...
O grupo Pantão de Partida produz teatro de quilimbo há 20 anos e boa o mundo sem brancoas suas raízes e a sede em Barbosena

INFORMAÇÕES
FONTE: [illegible]



José Mendes

Colaborador

"Nave e a terra de Deus" é produção do grupo **Teatro de Fátima**, de Maria Helena, e que passou a ser dirigida no FATEC, sob a direção de televisão. Não há ali o que o diretor do grupo Miriam de Almeida chama de "papeletagem". Mas se pode chamar a mão direita de José Mendes, diretor artístico da equipe de Fátima, embora não seja o diretor de Fátima. Fátima tem uma portuguesa, com alguns espanhóis, no total de 120 pessoas, trabalhando e desovrando. Não se fala aqui de teatro, mas sim de teatro. Não é um teatro, mas sim de teatro. Não se fala aqui de teatro, mas sim de teatro. Não se fala aqui de teatro, mas sim de teatro.

A mão direita de teatro brasileiro é, talvez, esta, desconhecida. Não é só a mão direita de teatro que de quem de um lado trabalhava em teatro para teatro, e não, talvez, com alguma presença de José Mendes ou de alguma outra pessoa de Fátima, e não, talvez, com alguma presença de José Mendes ou de alguma outra pessoa de Fátima, e não, talvez, com alguma presença de José Mendes ou de alguma outra pessoa de Fátima.

Logo como entre as produções, os movimentos em sala, a presença de Miriam de Almeida. Há um teatro, talvez, a mão, quando se trata de teatro, mas não de teatro. Há um teatro, talvez, a mão, quando se trata de teatro, mas não de teatro. Há um teatro, talvez, a mão, quando se trata de teatro, mas não de teatro.

É uma produção, talvez, com uma presença de José Mendes ou de alguma outra pessoa de Fátima, e não, talvez, com alguma presença de José Mendes ou de alguma outra pessoa de Fátima, e não, talvez, com alguma presença de José Mendes ou de alguma outra pessoa de Fátima.

Uma produção, talvez, com uma presença de José Mendes ou de alguma outra pessoa de Fátima, e não, talvez, com alguma presença de José Mendes ou de alguma outra pessoa de Fátima, e não, talvez, com alguma presença de José Mendes ou de alguma outra pessoa de Fátima.

para de qualquer forma, há uma presença de José Mendes ou de alguma outra pessoa de Fátima, e não, talvez, com alguma presença de José Mendes ou de alguma outra pessoa de Fátima, e não, talvez, com alguma presença de José Mendes ou de alguma outra pessoa de Fátima.

Nada de novo, talvez, com uma presença de José Mendes ou de alguma outra pessoa de Fátima, e não, talvez, com alguma presença de José Mendes ou de alguma outra pessoa de Fátima, e não, talvez, com alguma presença de José Mendes ou de alguma outra pessoa de Fátima.

JORNAL DE NOTÍCIAS

1.ª EDIÇÃO - 1984, 2.ª DE JUNHO DE 1984

'Riverrão' de Rosa vem correr no palco

CELEBRAÇÃO DA VIGILÂNCIA DO BARRIO DE RIVERA

Para grande festa, o grupo de teatro "Riverrão" de Rosa, com 12 integrantes, vai se apresentar no dia 12 de junho, às 20h, no Teatro de Fátima, com o espetáculo "Riverrão".

Um espetáculo, uma celebração, uma homenagem ao bairro de Rivera, o bairro de Rivera, o bairro de Rivera. Um espetáculo, uma celebração, uma homenagem ao bairro de Rivera, o bairro de Rivera, o bairro de Rivera. Um espetáculo, uma celebração, uma homenagem ao bairro de Rivera, o bairro de Rivera, o bairro de Rivera.

Adaptar as histórias de Guimarães Rosa é muito complexo.

Tudo, mais do que uma celebração, uma homenagem ao bairro de Rivera, o bairro de Rivera, o bairro de Rivera. Um espetáculo, uma celebração, uma homenagem ao bairro de Rivera, o bairro de Rivera, o bairro de Rivera.

Vozes de um novo teatro brasileiro, um novo teatro brasileiro, um novo teatro brasileiro. Um espetáculo, uma celebração, uma homenagem ao bairro de Rivera, o bairro de Rivera, o bairro de Rivera.

Miriam de Almeida, Fátima, não.



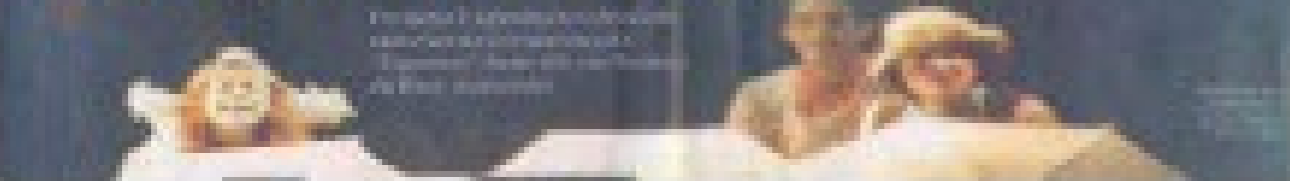
Cena de 'Grande Sertão: Veredas', que estreia hoje no Rio

de teatro. Tudo que surgiu, tudo que surgiu, tudo que surgiu. Um espetáculo, uma celebração, uma homenagem ao bairro de Rivera, o bairro de Rivera, o bairro de Rivera.

É uma produção, talvez, com uma presença de José Mendes ou de alguma outra pessoa de Fátima, e não, talvez, com alguma presença de José Mendes ou de alguma outra pessoa de Fátima, e não, talvez, com alguma presença de José Mendes ou de alguma outra pessoa de Fátima.

Grande teatro, grande teatro, grande teatro. Um espetáculo, uma celebração, uma homenagem ao bairro de Rivera, o bairro de Rivera, o bairro de Rivera.

Viagem musical pelo mundo cigano



Reportagem de Mariana de Moraes

Compositores e músicos de diversas nacionalidades se unem para apresentar um espetáculo que celebra a diversidade cultural e musical do mundo cigano.

Compositores e músicos de diversas nacionalidades se unem para apresentar um espetáculo que celebra a diversidade cultural e musical do mundo cigano. O grupo, formado por artistas de diferentes países, traz para o palco uma obra que é uma homenagem à herança cigana, marcada por tradições musicais ricas e variadas. A apresentação é uma oportunidade para o público conhecer e apreciar a beleza e a complexidade da música cigana, que transcende fronteiras e conecta pessoas de diferentes culturas.



Realizar esse espetáculo também é uma oportunidade para fortalecer os laços entre os artistas de diferentes nacionalidades. Através da música, eles compartilham experiências e conhecimentos, criando uma comunidade artística que transcende fronteiras e promove a cooperação e o respeito mútuo.

Além disso, a apresentação também é uma oportunidade para o público conhecer e apreciar a beleza e a complexidade da música cigana, que transcende fronteiras e conecta pessoas de diferentes culturas. O espetáculo é uma celebração da diversidade cultural e musical, e uma oportunidade para o público conhecer e apreciar a beleza e a complexidade da música cigana.

Projeto vai a Açailândia

O projeto "Projeto de Integração Cultural" vai para Açailândia em 2023. O projeto visa promover a integração cultural e social entre os povos de diferentes nacionalidades que vivem em Açailândia. Através de atividades artísticas, culturais e esportivas, o projeto busca fortalecer os laços entre as comunidades e promover o respeito mútuo e a cooperação.

Uma das atividades previstas é a realização de apresentações musicais e teatrais. Além disso, serão realizadas oficinas de artesanato e culinária, promovendo a troca de conhecimentos e experiências entre os participantes.

O projeto também inclui a realização de eventos esportivos, como torneios de futebol e vôlei. Essas atividades visam promover a integração social e o fortalecimento dos laços entre os participantes.

ARTES CÊNICAS. Com Travessia e Os Gnomos Contam a História do Gato Malhado e a Andorinha Sinhá, **Ponto de Partida** é atração nos dias 18 e 19

GRUPO MINEIRO FAZ APRESENTAÇÃO DUPLA EM MACEIÓ

na edição

Compositores teatrais que mantêm acesa a chama de três décadas de atividade, o Grupo Ponto de Partida revive sua trajetória espantosa quando se leva em conta suas origens fundadas na pequena cidade de Barbacena, a 170km da capital mineira, ao que parece a trupe jamais se habituou aos seus horizontes – e parte para o mundo. Desde sua criação, se apresenta em diferentes localidades de países da África, Europa e América do Sul, percorrendo ainda os mais longos trechos do Brasil. E com esse espírito aventureiro que a companhia chega a Maceió, nos dias 18 e 19 de agosto.



O musical Travessia estreia a trupe há 35 anos

OS ESPETÁCULOS

Ação no Teatro Guarani Lacer, Travessia e Os Gnomos – incluindo bem a filosofia de trabalho do Ponto de Partida. Há 30 anos há repertório de companhia, Travessia mistura elementos de teatro e música para realizar o espetáculo nessa viagem pela alma do povo brasileiro – para isso, mergulha no universo do cinema como Villa-Lobos, Tom Jobim, Chico Buarque, Milton Nascimento, Caetano Veloso, Elton e Garibaldi, entre outros.

“vai pra lá? Para onde se viver? No dia em que a gente vai? Um que mata o outro? Com uma alegria melancólica, salado de riso e amor? O teatro a sua volta? Uma dança a Dona Andorinha”, escrevem Anacleto em seu livro de

Com os espetáculos Travessia e Os Gnomos Contam a História do Gato Malhado e a Andorinha Sinhá na Pequena, a companhia que está realizando a Nordeste e sendo do Programa Viva Cultura vem à capital alagoense apenas para realizar uma montagem, mas para estabelecer “pontes” com representantes das artes cênicas locais. “O Voto do Curo é voltado especialmente para projetos que envolvem em parceria com outros artistas e que visam a formação, reflexão e transformação a partir do teatro”, afirma Expedito Araújo, curador artístico do programa cultural firmado pela Telefônica/Vivo,

Adaptação da obra do escritor brasileiro Jorge Amado, Os Gnomos contam a História do Gato Malhado e a Andorinha Sinhá, por sua vez, está em cartaz há 22 anos. Vira no Brasil, em Portugal e no Uruguai, o espetáculo apresenta a voz de Elton para propor uma reflexão sobre a condição das classes sociais em situações. “O mundo é

Serviço

Grupo Ponto de Partida em Alagoas com o espetáculo Travessia e Os Gnomos Contam a História do Gato Malhado e a Andorinha Sinhá. **Estreia em Maceió** no Teatro Guarani Lacer, nos dias 18 e 19 de agosto de 2023. **Ingressos** de R\$ 10,00 a R\$ 20,00 (incluindo o frete) para apresentações para a classe artística – R\$ 5,00. **Ponto de venda** online: Cia Dramática (Teatro Municipal, Maceió) e Ponto de Venda. **11 3370-1770**

O BRASIL QUE CANTA



BRASILEIRAS, com mais de 50 anos de idade, a Companhia do Teatro Comunitário chegou à encenação do musical. Encenado em 1980, o musical é fruto do Programa de Cultura, a primeira obra produzida com as ações do Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, com o apoio do Itaú e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Em parceria com a Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, o espetáculo "Romeu e Julieta à Moda Baiana" mobiliza 350 alunos e artistas.

ROMEU E JULIETA À MODA BAIANA



Com o apoio do Itaú e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais, o espetáculo "Romeu e Julieta à Moda Baiana" mobiliza 350 alunos e artistas. O projeto é fruto do Programa de Cultura, a primeira obra produzida com as ações do Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, com o apoio do Itaú e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Em parceria com a Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, o espetáculo mobiliza 350 alunos e artistas.

Programa de Cultura
O projeto é fruto do Programa de Cultura, a primeira obra produzida com as ações do Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, com o apoio do Itaú e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

O espetáculo de 'Gato Malhado'

O espetáculo de "Gato Malhado" é fruto do Programa de Cultura, a primeira obra produzida com as ações do Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, com o apoio do Itaú e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

O espetáculo de "Gato Malhado" é fruto do Programa de Cultura, a primeira obra produzida com as ações do Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, com o apoio do Itaú e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

BRASIL, com mais de 50 anos de idade, a Companhia do Teatro Comunitário chegou à encenação do musical. Encenado em 1980, o musical é fruto do Programa de Cultura, a primeira obra produzida com as ações do Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, com o apoio do Itaú e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Em parceria com a Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, o espetáculo mobiliza 350 alunos e artistas.

BRASIL, com mais de 50 anos de idade, a Companhia do Teatro Comunitário chegou à encenação do musical. Encenado em 1980, o musical é fruto do Programa de Cultura, a primeira obra produzida com as ações do Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, com o apoio do Itaú e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Em parceria com a Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, o espetáculo mobiliza 350 alunos e artistas.

ESTADO DE MINAS

FÁBRICA DE TALENTOS



1980 em Belo Horizonte na sua estreia, o grupo **Fábrica de Talentos** comemora os 30 anos do musical **Ser Minas Não Consta** e prepara a estreia de **Por um Agosto**. Projeto mobiliza 350 alunos e artistas

1980
9 anos
15 anos
40 mil



66
Mina faz 30 anos de estreia
77

BRASIL, com mais de 50 anos de idade, a Companhia do Teatro Comunitário chegou à encenação do musical. Encenado em 1980, o musical é fruto do Programa de Cultura, a primeira obra produzida com as ações do Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, com o apoio do Itaú e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Em parceria com a Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, o espetáculo mobiliza 350 alunos e artistas.

BRASIL, com mais de 50 anos de idade, a Companhia do Teatro Comunitário chegou à encenação do musical. Encenado em 1980, o musical é fruto do Programa de Cultura, a primeira obra produzida com as ações do Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, com o apoio do Itaú e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Em parceria com a Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, o espetáculo mobiliza 350 alunos e artistas.

PONTO DE PARTIDA APRESENTA "PAR - UM MUSICAL APAIXONANTE!"

O grupo musical Par, do Rio de Janeiro, apresenta o musical "Par - Um Musical Apaixonante!". O espetáculo, que conta com a direção de Roberto de Sá, é uma homenagem ao cinema mudo e ao teatro de revista. O musical é baseado no livro "Par - Um Musical Apaixonante" de Roberto de Sá e apresenta uma história de amor e de luta social. O espetáculo é dividido em duas partes, com uma duração total de aproximadamente 120 minutos. O musical é apresentado no Teatro de Arena Nova, em São Paulo, a partir de 15 de maio.



Atores do Ponto de Partida apresentam-se no teatro Arena Nova em São Paulo

O musical "Par" é uma homenagem ao cinema mudo e ao teatro de revista. O espetáculo é baseado no livro "Par - Um Musical Apaixonante" de Roberto de Sá e apresenta uma história de amor e de luta social. O espetáculo é dividido em duas partes, com uma duração total de aproximadamente 120 minutos. O musical é apresentado no Teatro de Arena Nova, em São Paulo, a partir de 15 de maio.



Os atores do Ponto de Partida apresentam-se no teatro Arena Nova em São Paulo

O musical "Par" é uma homenagem ao cinema mudo e ao teatro de revista. O espetáculo é baseado no livro "Par - Um Musical Apaixonante" de Roberto de Sá e apresenta uma história de amor e de luta social. O espetáculo é dividido em duas partes, com uma duração total de aproximadamente 120 minutos. O musical é apresentado no Teatro de Arena Nova, em São Paulo, a partir de 15 de maio.

www.tribunademinas.com.br

De mãos DADAS

Em parceria inédita, Instituto Inhotim e Grupo Ponto de Partida lançam, neste fim de semana, jardim na sede do grupo teatral em Barbacena

BARBACENA - O Instituto Inhotim e o Grupo Ponto de Partida lançam, neste fim de semana, um projeto inédito: um jardim na sede do grupo teatral em Barbacena. O projeto, que será realizado entre os dias 15 e 17 de maio, visa a revitalizar o espaço e criar um ambiente agradável para os membros do grupo e para o público. O jardim será dividido em várias áreas, com plantas e flores que serão doadas por voluntários. O projeto é uma iniciativa do Instituto Inhotim e do Grupo Ponto de Partida, que tem como objetivo promover a cultura e a arte em Barbacena.

Troca de conhecimentos

O Instituto Inhotim e o Grupo Ponto de Partida lançam, neste fim de semana, um projeto inédito: um jardim na sede do grupo teatral em Barbacena. O projeto, que será realizado entre os dias 15 e 17 de maio, visa a revitalizar o espaço e criar um ambiente agradável para os membros do grupo e para o público. O jardim será dividido em várias áreas, com plantas e flores que serão doadas por voluntários. O projeto é uma iniciativa do Instituto Inhotim e do Grupo Ponto de Partida, que tem como objetivo promover a cultura e a arte em Barbacena.



Voluntários do Instituto Inhotim e do Grupo Ponto de Partida trabalham no jardim na sede do grupo teatral em Barbacena

Patrimônio vivo e em plena atividade

O Instituto Inhotim e o Grupo Ponto de Partida lançam, neste fim de semana, um projeto inédito: um jardim na sede do grupo teatral em Barbacena. O projeto, que será realizado entre os dias 15 e 17 de maio, visa a revitalizar o espaço e criar um ambiente agradável para os membros do grupo e para o público. O jardim será dividido em várias áreas, com plantas e flores que serão doadas por voluntários. O projeto é uma iniciativa do Instituto Inhotim e do Grupo Ponto de Partida, que tem como objetivo promover a cultura e a arte em Barbacena.

Travessia de inverno

Vida, música e dança em uma noite e Festival de Inverno de Campina Grande



Por Juliana

Um festival de inverno de vida, música e dança em uma noite e Festival de Inverno de Campina Grande. O evento, realizado no sábado (24) no Teatro de Campina Grande, reuniu artistas locais e convidados para uma noite de celebração da cultura e da arte. O festival contou com apresentações de dança, música e teatro, além de uma exposição de artes visuais. O público foi recebido com um ambiente acolhedor e uma programação diversificada. A noite foi marcada por performances emocionantes e uma atmosfera festiva. O festival de inverno de Campina Grande é um dos principais eventos culturais da cidade e atrai milhares de visitantes. A programação inclui apresentações de dança contemporânea, música instrumental e vocal, e peças teatrais. O evento é organizado por uma equipe dedicada e conta com o apoio de diversas instituições locais e estaduais. A noite promete ser inesquecível para todos os presentes.

Culto de humor com Sterblitch

Reportagem

O grupo Sterblitch é formado por artistas locais e convidados que se dedicam a criar obras de arte que misturam humor e crítica social. O grupo já realizou diversas exposições e performances em diferentes espaços culturais da cidade. Suas obras são caracterizadas por uma linguagem visual provocante e satírica. O grupo Sterblitch é formado por artistas locais e convidados que se dedicam a criar obras de arte que misturam humor e crítica social. O grupo já realizou diversas exposições e performances em diferentes espaços culturais da cidade. Suas obras são caracterizadas por uma linguagem visual provocante e satírica.



Música cênica de Travessia

O grupo Travessia apresenta uma obra musical que mistura teatro e música. A apresentação é realizada em um espaço teatral e conta com a participação de músicos e atores. A obra é caracterizada por uma linguagem artística inovadora e uma narrativa envolvente. O grupo Travessia apresenta uma obra musical que mistura teatro e música. A apresentação é realizada em um espaço teatral e conta com a participação de músicos e atores. A obra é caracterizada por uma linguagem artística inovadora e uma narrativa envolvente.



EL GRUPO BRASILEÑO PONTO DE PARTIDA ESTRENA VOY A VOLVER

Galponeros de corazón

Inspirada en el exilio forzado de la compañía teatral El Galpón en México, en los años 70, el grupo brasileño Ponto de Partida presenta *Voy a volver*. El espectáculo homenajea a todos los que se vieron y se ven sometidos a situaciones similares y se plantea como una investigación sobre las emociones, no sólo en el colectivo de un grupo de artistas, sino también en lo individual. Hasta el 28 de abril en El Galpón.



Por G.P.

La épica de El Galpón, la compañía de teatro independiente más antigua de América Latina, es ejemplo para teatreros de todo el continente, entre ellos el grupo brasileño Ponto de Partida. En sus varios viajes a Montevideo, entre ellos con la inolvidable *Beca-La ópera de la basura*, obra premiada con el Florencio a Mejor Espectáculo Extranjero, conocieron de primera mano una historia que siempre quisieron llevar a escena: la resistencia de los galponeros a la clausura y cierre del teatro de la calle 18 de Julio, en 1976, que los llevara a un exilio de casi una década en México y a que varios de sus integrantes que no pudieron salir del país tuvieran incluso situación de cárcel. *Voy a volver* se presenta esta semana en Sala Campodónico y es el resultado de una investigación teatral de Ponto de Partida sobre la historia de El Galpón. Grandes baúles son los únicos elementos que dibujan la escena, materializando el continuo movimiento de los desprendimientos humanos, la pérdida de las raíces y el permanente deseo de volver. Sobre la idea central de espectáculo, que como siempre en los espectáculos de los brasileños incluye canciones y un tono de musical, la actriz y productora Lucía Medeiros sostiene que "el arte es uno de los pocos territorios donde los pueblos se encuentran y son iguales. Ahí no existe raza, ni preconceptos, ni límites ni barreras idiomáticas; somos apenas

seres humanos que, en el acto de crear, se reconocen criaturas de la misma especie, pares, iguales". Esto implica que los Ponto de Partida se sientan de algún modo "galponeros", inspirados por esta heroica aventura vital y artística que vivió este grupo de uruguayos en los años 70.

¿Cuál fue el punto de partida del espectáculo *Voy a volver*? ¿De qué manera se fueron cruzando con El Galpón, investigaron en la historia del exilio en México del grupo teatral y terminaron haciendo un espectáculo?

Julia Medeiros: Empezamos con el deseo de hablar sobre el tema de los refugiados. El grupo Ponto de Partida siempre busca conectarse con las cuestiones humanas más profundas y desafiantes, y en aquel momento esta temática nos inquietaba. Pero como es un tema que atraviesa toda la historia humana y territorios, y es algo tan amplio, sabíamos que

sería necesario hacer un recorte, que teníamos que elegir algo que contuviera los sentimientos más poderosos del refugio, pues así, a través de las emociones, creíamos que podríamos representar expresivamente a los que se ven obligados a dejar su lugar por imposición. Entonces, un compañero nuestro se acordó del exilio de El Galpón, porque siempre fue una historia por la cual el grupo Ponto de Partida tuvo una atracción especial, incluso con el deseo de llevarla a escena un día. Decidimos, así, que el día había llegado.

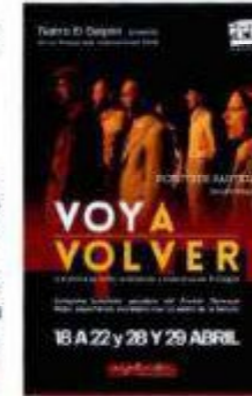
¿Cómo se estructura el espectáculo? ¿Qué decisiones artísticas fueron tomando durante la creación-investigación?

Voy a volver fue hecho a través del proceso de creación colectiva que ha desarrollado Ponto de Partida a lo largo de su trayectoria de 37 años. Decidimos, entre otras cosas, que todos tendríamos que conocer profundamente la historia y sus personajes reales.

Entonces vinimos todos a Montevideo para tener entrevistas con los galponeros que vivieron el período de exilio y dictadura, fuera o dentro de Montevideo, o en la cárcel. Hablamos con cada uno, por separado, sobre la historia colectiva, institucional, que es de conocimiento de muchos uruguayos, pero también, y principalmente, sobre las experiencias más íntimas y los sentimientos singulares. Fue un momento muy fuerte para nosotros -como grupo, como individuos, como ciudadanos- el hecho de conocer personas que vivieron situaciones límite. Descubrimos, entre otras cosas, que los extremos son como pares: el miedo y el coraje, la rabia y el afecto, la soledad y la solidaridad, la fuerza y la fragilidad, la falta y la generosidad, y que es posible transitar entre uno y otro en fracciones cortísimas de tiempo, o incluso simultáneamente. Aprendimos mucho también sobre la fuerza humana, sobre la capacidad de superación, algo casi animal, como una respuesta instintiva de supervivencia, pero de una supervivencia más sofisticada también, en la que el espíritu social, humano y fraternal se mezcla con el sentido de la vida cuando no es posible ni respirar si no fuera por la fuerza del "todos". Es lindo, es inspirador, y en medidas distintas tiene mucho que ver con lo que pasa en Brasil en la actualidad, con lo que necesitamos buscar con énfasis y urgencia. Todo esto nos llevó a entender que a partir de situaciones es posible hablar de temas universales. Porque la lucha por derechos humanos es igualdad



social es de todos, así como la búsqueda por una presencia cada vez más humanizada en un mundo donde el tema del refugio y el asilo es esencial y revolucionario. Además, el espectáculo tiene música en vivo, que es una marca de Ponto de Partida, y ninguna escenografía: sólo cajas como elementos de escena y situaciones reflexivas dentro de la trama dramática. Todas las decisiones fueron tomadas para que la historia fuera honrada y llegara al público en plenitud de sentimientos.



A partir de trabajar con El Galpón, ¿entraron también en contacto con otros artistas y creadores montevideanos?

En los días que estuvimos en Montevideo, encontramos gente muy politizada y acostumbrada a tener la utopía en el orden del día. Pero tuvimos muy poco tiempo desde la investigación de campo hasta el estreno, por lo que nos concentramos en El Galpón, pero también en Galeano y Benedetti, que son los otros uruguayos exiliados que elegimos para el espectáculo. Leímos la obra completa de los dos, buscamos todo el archivo de El Galpón y también de la dictadura uruguaya y de otras dictaduras latinoamericanas, además de la lectura de filósofos universales, como Kant, que ha escrito sobre los refugiados y sus "receptores". O sea, desafortunadamente, no tuvimos aún la oportunidad de aproximarnos más a la escena actual uruguaya. Pero queremos hacerlo.

Otra de las particularidades de la historia de El Galpón, más allá de la circunstancia del exilio, es el hecho de la construcción colectiva de un teatro, desde sus inicios como compañía de teatro independiente. ¿Cuál es la gran enseñanza que les deja a ustedes la historia galponera?

Sí, la colectividad es algo muy fuerte en la historia de ellos, tanto que incluso contrariaron una característica muy marcada de los refugiados, que es la individualidad, pues, si es difícil sobrevivir solo, alcanza con pensar cuando te ves obligado a buscar soluciones para todos. Eso es como un pacto de vida, y yo sé que buscaron y buscan siempre reafirmarlo. Pero hay otra cosa que es muy destacada, que es su vocación por la luz, la poesía, el teatro

y la música. Nos contaron que en los momentos más difíciles lo que los mantuvo vivos fue el arte, la posibilidad de ser alguien "encantado", aunque fuera a veces. Esta enseñanza es muy fuerte y puede pasar con el arte o con la espiritualidad, con los hijos, con el verdadero amor, porque siempre es necesario tener algo que garantice amplitud a la vida.

¿Cuáles consideras que son los principales hitos de esa historia desde la mirada de ustedes?

¡Hay muchos! El paso por la Embajada de México en Uruguay, la salida del país, el retorno al escenario, el contacto con familiares y amigos en Buenos Aires, la vuelta a Montevideo, pero también muchos pequeños momentos individuales que yo no puedo contar para no estropear la sorpresa. Es una historia que daría para libros, películas, documentales y mucho más.

¿Se sienten galponeros brasileños?

¡Qué pregunta bonita! En los hechos, no sé si es correcto afirmar eso, pues tenemos algunas diferencias estructurales importantes, pero somos muy parecidos en la devoción al arte, en el colectivismo, en el relacionamiento muy próximo y consistente con el público... no importa, ciertamente somos galponeros de corazón, más que hermanos.

La cultura de Minas Gerais llega a El Galpón

Ponto de Partida presenta *Voy a volver* y *Mineiramente*

Desde hoy en el escenario principal de El Galpón se presenta el espectáculo *Voy a volver*, del grupo de teatro brasileño Ponto de Partida. Se trata de una obra de temática inusual, dado que la compañía visitante creó un espectáculo sobre El Galpón y su exilio, para lo cual previamente vino a trabajar sobre el tema a Uruguay.

La obra se presentará desde hoy hasta el domingo, y luego

dará dos funciones más, el sábado 28 y domingo 29. Va a las 20:30 todos los días, menos el domingo que se hace a las 19:00. La misma compañía visitante trae otro espectáculo, *Mineiramente*, que subirá a escena el miércoles 25, jueves 26 y viernes 27 a las 20:30. Hay entradas en Tickantel, a \$ 600.

Voy a volver nació de la preocupación del grupo brasileño sobre el tema de los refugiados, y el espectáculo habla de las fronteras, geográficas y culturales. También aborda temas como la pérdida de la identidad, el acogimiento, el rechazo, el coraje, y las opciones

políticas y económicas que impulsan a miles y miles de personas a buscar refugio. Por eso, solamente unos grandes baulles son el único decorado de este espectáculo, que también incorpora textos de Eduardo Galeano y Mario Benedetti. Si bien la obra no se estructura como un musical, está demarcada por canciones latinas y brasileñas, algunas compuestas especialmente para el espectáculo por Pitágoras Silveira y Pablo Bértola, este último también a cargo de la dirección musical. La música, en vivo, se presenta en escena en una formación de voces, piano y guitarra.



Voy a volver, por siete funciones.

Con *Mineiramente*, Ponto de Partida ofrecerá un retrato de su tierra, Minas Gerais. Consiste en un musical que trata del espíritu de los hombres que habitan las montañas de ese estado de Brasil, un territorio en el que se dieron ricas mezclas de razas y lenguas, con su producción propia de música, poesía y literatura. El espectáculo busca llevar a escena la exuberancia, la alegría, la simplicidad, la belleza de esa cultura, a través de un trabajo escénico con textos de escritores mineiros referenciales, como Carlos Drummond de Andrade y Guimarães Rosa. Musicalmente, echa mano a un

repertorio que incluye a Milton Nascimento, Tavinho Moura, Ary Barroso, y canciones de Fernando Brant y Gilvan de Oliveira hechas exclusivamente para la banda sonora de este espectáculo.

Ponto de Partida es conocido en Uruguay por los espectáculos *Beco*, la ópera de la basura, con el que conquistó el premio Florencio a Mejor Espectáculo Extranjero, y otros títulos, como *Drummond*, *El Gato Manchado* y *La Golondrina Sinhá*, *Travesía*, *Viva el Pueblo Brasileño* y *Ciganos*, montajes con los que viene forjando una larga historia con Montevideo.

Galpón brasileño

La temporada 2018 de El Galpón tendrá un fuerte acento brasileño. A la incorporación del director Aderbal Freire Filho como asesor artístico, se suma desde esta semana la compañía teatral Ponto de Partida, del estado de Minas Gerais, con dos estrenos, desde ayer miércoles hasta el domingo 29. *Voy a volver* es el fruto de una investigación que el grupo realizó en 2017 sobre la historia de El Galpón. Con una banda musical en vivo (voces, piano y guitarra), retrata el conflicto de los exiliados y refugiados en diversas épocas y territorios, con el exilio del elenco galponero en México como lienzo de fondo. El grupo se propone "homenajear a los miles de artistas perseguidos a lo largo de la historia, firmemente anclados a sus convicciones, la poesía y la belleza". Va en la Sala Campodónico desde hoy jueves 19 hasta el sábado 21 y el sábado 28 a las 20.30 h, y los domingos 22 y 29 a las 19.

Mineiramente, del miércoles 25 al viernes 27 a las 20.30 en la Campodónico, es un musical sobre el periplo de los trabajadores de los yacimientos de oro en las montañas de Minas Gerais, actividad caracterizada por la mezcla de razas y lenguas que fue determinante en la historia de Brasil, donde nació el sincretismo religioso y racial —allí se esculpió y se pintó en los techos de las iglesias el primer ángel mestizo— que dio nombre a un estado protagonista de la música y la literatura brasileñas y también de sus conflictos sociales. El musical combina textos de artistas mineiros referenciales como los poetas Carlos Drummond de Andrade y Guimarães Rosa, y los músicos Milton Nascimento, Tavinho Moura y Ary Barroso.

TRES ÚNICAS FUNCIONES HASTA EL VIERNES

“Ponto de Partida” llega al Galpón con su musical



En el marco de la temporada internacional del Teatro El Galpón, llega Ponto de Partida para presentar desde Brasil “Mineiramente”. El musical trae a escena la exuberancia, la alegría, la simplicidad, la belleza - marcas acuñadas por Ponto de Partida en la construcción de un lenguaje para el musical brasileño. Con poquitos textos de escritores mineiros referenciales como Carlos Drummond de Andrade y Guimarães Rosa, Mineiramente tiene en su repertorio músicas de Milton Nascimento, Tavinho Moura, Ary Barroso y canciones de Fernando Brant y Gilvan de

Oliveira hechas exclusivamente para la banda sonora del espectáculo de Ponto de Partida. La música está en escena en vivo es una composición de voces, silbidos, piano y batería. Funciones: Miércoles 25, jueves 26 y viernes 27 de abril a las 20.30 hs. Entradas: Generales \$ 600. Tarjeta joven, Jubilados, estudiantes 50%, Socio Espectacular entrada gratis con cupo limitado, cubierto éste 50%, Antel y BROU 2x1. “Mineiramente” es un musical que trata del espíritu de los hombres que habitan las montañas de Minas Gerais, estado al que el grupo pertenece, son los escarpa-

dos que lo cuidan y lo revelan. Territorio de donde se extrajo todo el oro brasileño, que mezcló todas las razas y lenguas, la ambición y el miedo, el sueño y la tenacidad y donde primero nos reconocemos brasileros. En Minas se esculpió el primer ángel mestizo y se pintó en los techos de las iglesias, forradas de oro, la primera Virgen María mulata. Minas produjo música, poesía, literatura, deseo irreversible de libertad y por eso, en sus tonos mineiros, el espectáculo deja aflorar el sentimiento de pertenencia, de identidad, de construcción de lo onírico y de lo nuevo.

Visita. Desde Brasil al Teatro El Galpón

La compañía brasileña Ponto de Partida aterriza mañana en la sala César Campodónico del Teatro El Galpón, para presentar *Voy a volver*, sobre los refugiados y una historia real. Va del 18 al 22 y 28 y 29 de abril; entradas en Tickantel y boleterías a \$ 600.

Cursos do Grupo Ponto de Partida em Barbacena recebem inscrições até esta terça-feira

Há vagas para musicalização infantil e para gestão e produção cultural. 'A importância da arte: amplia a nossa condição humana, faz a gente ter a percepção da realidade e a capacidade de mudá-la', disse Regina Bertola ao G1.

Por Roberta Oliveira, G1 Zona da Mata

25/03/2019 10h11 · Atualizado há um ano



Fachada da Bituca, Universidade da Música Popular, do Grupo Ponto de Partida, de Barbacena — Foto: Gabriel

Cursos do Grupo Ponto de Partida em Barbacena recebem inscrições até esta terça-feira - Rádio Barbacena FM

rádio Barbacena
94.7 FM



25/03/2019 14:19 em Notícia

O Grupo Ponto de Partida, em Barbacena, está com inscrições abertas para dois cursos: musicalização infantil, voltado para crianças de 5 a 12 anos, e de "Gestão e produção cultural", para o público adulto. Os interessados devem preencher o formulário disponível no [site oficial do grupo](#).

De acordo com a diretora e fundadora do Ponto de Partida, Regina Bertola, as duas opções mostram um trabalho em defesa da arte para ajudar a qualidade de vida das pessoas.

"Neste momento que está tão indefinida a questão da cultura, artistas atacados, mais que resistir, a gente deve levantar esse estandarte de esperança. A gente não consegue viver no escuro, começa a ficar agressivo, violento, triste, grosseiro com as outras pessoas. É aí que transita a importância da arte: amplia a nossa condição humana, faz a gente ter a percepção da realidade e a capacidade de mudá-la", contou ao G1.

Musicalização infantil



Saber Amar
Os Paralamas Do Sucesso

barbacena  online

Home > Cultura > Agenda >

Espectáculo "Mineiramente" marca formatura de alunos na Estação PP

Publicado em 2 jun, 2019

AGENDA CULTURA



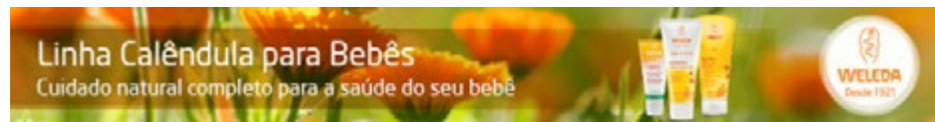
A Estação Ponto de Partida apresenta nos dias 07 e 08 de junho a peça Mineiramente. A produção do espetáculo foi realizada pelos alunos do curso de Gestão e Produção Cultural do Ponto de Partida, que teve início em abril. A turma é formada por 30 produtores e artistas que representam cinco estados brasileiros e 18 cidades. Mineiramente conta com uma estrutura cênica simples, construída pelo trabalho dos atores e pela música. A peça acontece às 20h, na Estação Ponto de Partida e tem classificação 18 anos. Os ingressos podem ser adquiridos através telefone (32) 9 8862-1874.

globo.com g1 ge gshow famosos vídeos ENTRE

Crescer

GRAVIDEZ SEMANA A SEMANA LIVROS INFANTIS FERRAMENTAS REVISTA POLÍTICA DE PRIVACIDADE ASSINE JÁ

HOME GRAVIDEZ BEBÊS COLUNISTAS CRIANÇAS ANIVERSÁRIO DIVERSÃO FAMÍLIA VÍDEOS



TAMANHO DO TEXTO A- A+

Meninos de Araçuaí e Ponto de Partida comemoram 20 anos de parceria com espetáculo baseado em seu primeiro trabalho, Roda que Rola

O show acontece em São Paulo nos dias 28 e 29 de outubro, no Auditório Ibirapuera. Ingressos estão à venda a partir de hoje (13)

Por Crescer online - atualizada em 13/10/2017 17h23



O espetáculo Roda que Rola, do coral Meninos de Araçuaí em parceria com o grupo de teatro Ponto de Partida, de Minas Gerais, completa 20 anos (Foto: Divulgação)

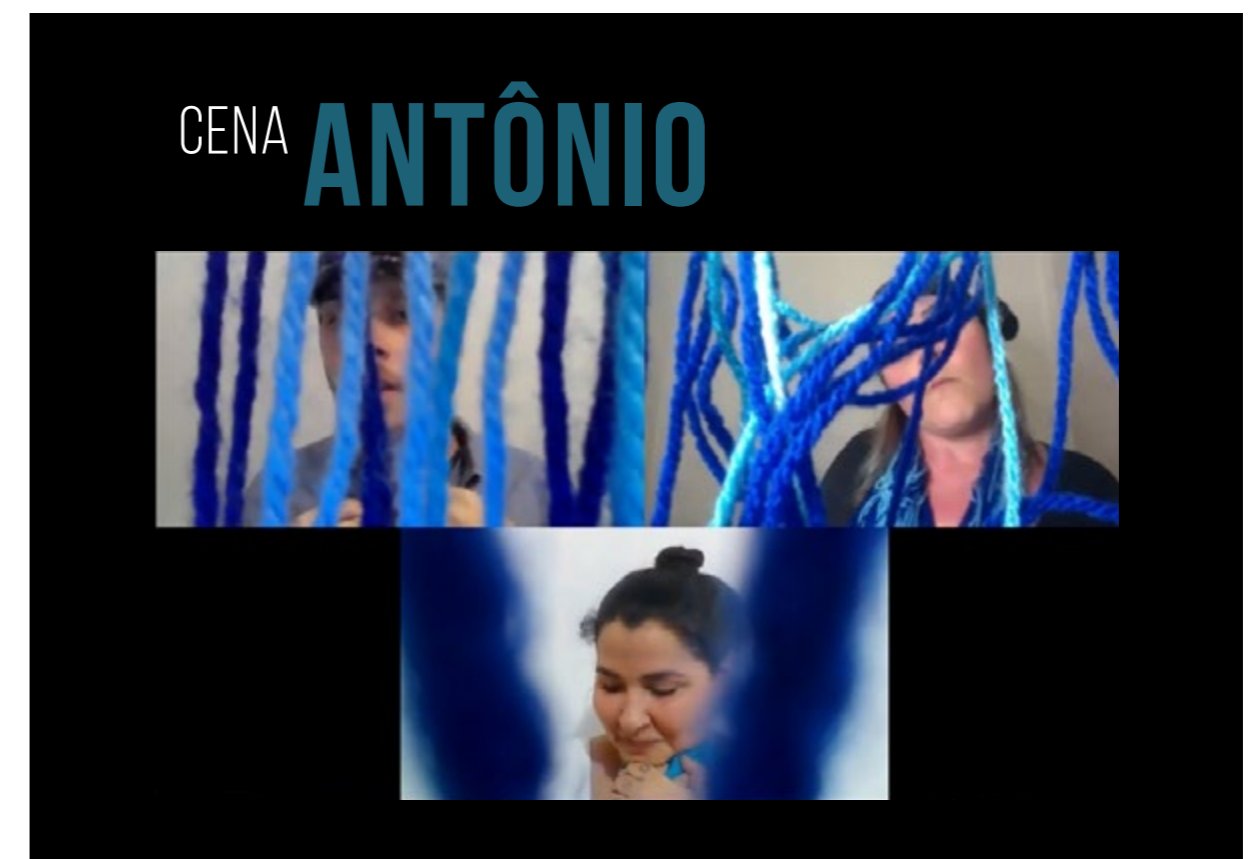
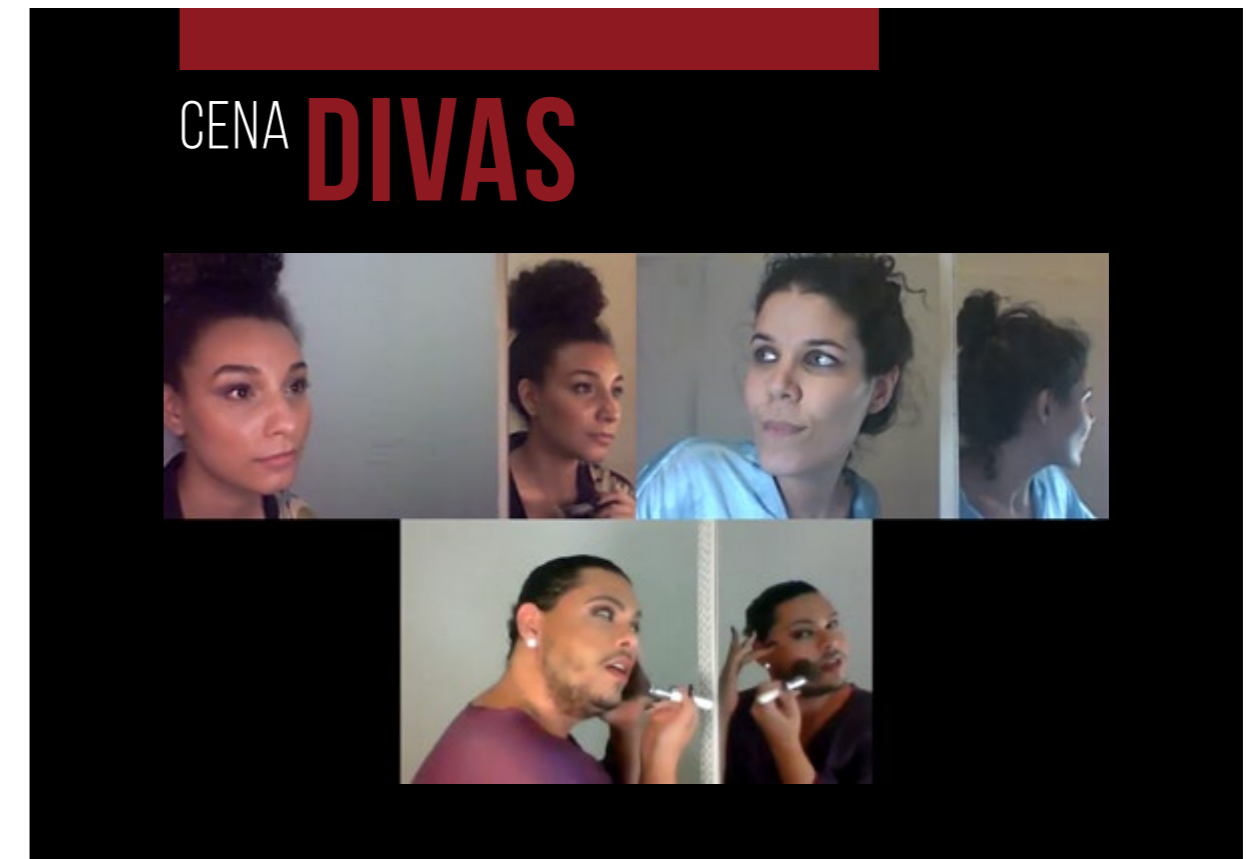
Cléia, hoje, é educadora. Pitágoras, pianista e compositor. Vítor ainda é soltador de pipa. Tamires virou apresentadora de TV, Karine, produtora cultural. Yuri é fabricante de árvores, Tainá se especializa em amarelinha. Não importa quem tem siso ou janelinha: todos estão prestes a completar 20 anos. Eles fazem parte do coro Meninos de Araçuaí, de Minas Gerais, que acaba de completar duas décadas de existência. Para comemorar, se debruçam sobre sua própria origem, avançando para o começo, à roda que fez tudo girar: Roda que Rola. É assim que se chama o primeiro álbum do coral, um CD cheio de clássicos revisitados vendido em uma caixinha redonda de um famoso queijo mineiro - e que acaba de ser relançado, junto com o espetáculo de mesmo nome.

Criado numa parceria entre a ONG Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento e o grupo de teatro Ponto de Partida, ambos também mineiros, o coro Meninos de Araçuaí, do Vale do Jequitinhonha, nasceu para fazer apenas uma apresentação de agradecimento a um de

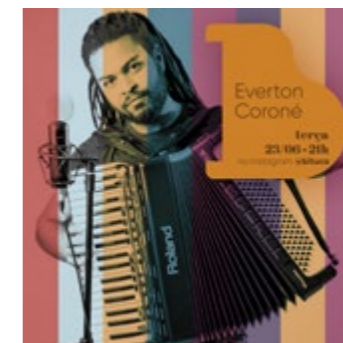
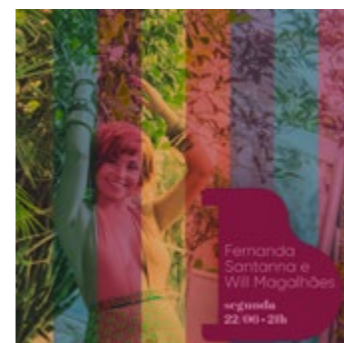
<https://revistacrescer.globo.com/noticia/2017/10/meninos-de-aracuai-e-ponto-de-partida-comemoram-20-anos-de-parceria-com-espetaculo-baseado-em-seu-prim...> 1/9

LIVES PELO INSTAGRAM

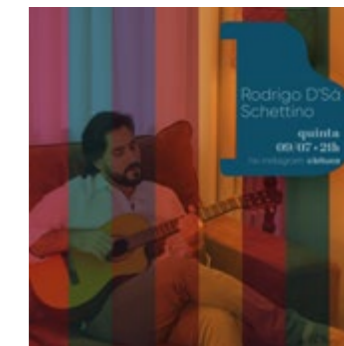
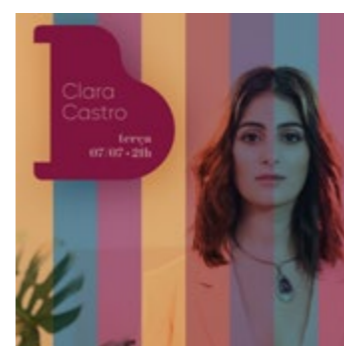
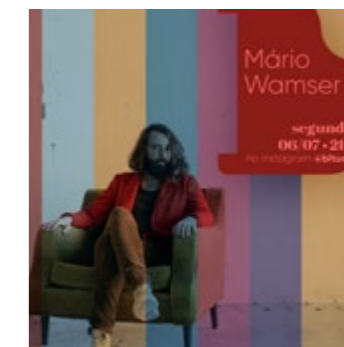
4 CENAS
QUE FORAM
APRESENTADAS
NO ZOOM COMO
ENCERRAMENTO
DA RESIDÊNCIA
ARTÍSTICA



CENA O FIO DO TEMPO



CENA UM PAPEL ME ESPIA



BITUCA
CONVIDA

Maurício Tizumba

segunda
13/07 • 21h
no Instagram @bituca



BITUCA
CONVIDA

Badi Assad

quarta
15/07 • 21h
no Instagram @bituca



BITUCA
CONVIDA

Paula e Jaques Morelenbaum

sexta
17/07 • 21h
no Instagram @bituca



BITUCA
MÚSICA AVANÇADA
Trio Corrente

Fábio Torres

segunda
3/8 • 16h
@bituca



BITUCA
MÚSICA AVANÇADA
Trio Corrente

Edu Ribeiro

terça
1/8 • 16h
@bituca



BITUCA
MÚSICA AVANÇADA
Trio Corrente

Trio Corrente

quinta
6/8 • 16h
@bituca



BITUCA
MÚSICA AVANÇADA
Trio Corrente

Paulo Paulelli

quarta
5/8 • 16h
@bituca





BITUCA
CONVIDA

Rosa Passos

qui • 25/03 • 20:30h
youtube.com/BitucaOficial

MINAS GERAIS SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL



BITUCA
CONVIDA

Sérgio Santos

qui • 06/05 • 20:30h
youtube.com/BitucaOficial

MINAS GERAIS SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL



OFICINA DE ATUAÇÃO COM O GRUPO PUNTO DE PARTIDA

INSCRIÇÕES ABERTAS ATÉ DIA 19/02!

INSCREVA-SE!
ANDRELANDIA.MG.GOV.BR

PUNTO de PARTIDA SECRETARIA DE CULTURA, TURISMO, LAZER, INDUSTRIA E COMERCIO (PROTEÇÃO DE AMBIENTE) Fundação Andreândia Minas GERAIS SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

Quem conta um conto aumenta um Ponto!

Ronaldo Pereira convida a atriz Amélia Porteiro, do grupo uruguaio El Galpón, para falar sobre o processo de pesquisa do espetáculo You Voltar.

5/5
quarta . 20h
YouTube
grupopontodepartida

Quem conta um conto aumenta um Ponto!

Karine Montenegro convida alguns membros do Ponto de Partida para contar histórias de bastidores.

7/5
sexta . 20h
Instagram
@pontodepartida

Remarcada!

Quem conta um conto aumenta um Ponto!

Por questões técnicas, a live com Regina Bertola será **remarcada** para o dia 10/5 . segunda . 20h

youtube.com/grupopontodepartida

LIVE @lidoschi

Lido Loschi convida:

Olivia Araújo Carolina Damasceno Odilon Esteves

para ler contos do seu livro "Onde davam esses trilhos".

13/05 . quinta-feira . 20h
instagram.com/lidoschi

Carolina Damasceno interpreta uma adaptação do conto "Com gás ou sem", de Noemi Jaffe.

19/5 . quarta . 20h
youtube.com/grupopontodepartida

ÉRICA ELKE APRESENTA

O TEATRO
20 DE MAIO | 20H

YOUTUBE.COM/USER/GRUPOPONTODEPARTIDA

Luz ao avesso

Rony Rodrigues convida profissionais da área técnica para dividir experiências e conhecimentos sobre a lâmpada PAR 64, uma das responsáveis pela magia da luz em dezenas de espetáculos do Grupo Ponto de Partida.

21.05 . sexta . 20h
youtube.com/grupopontodepartida

Um Método de Fazer Luz
com Rony Rodrigues

uma introdução aos princípios e conceitos básicos para criação de luz cênica, desde a montagem até a operação.

25/5 . terça . 20h
para plataformas Zoom [inscreva-se!](#)